ZINE

IN.CA

[INTERVENÇÕES CRÍTICAS]

#2

janeiro-abril de 2012

fotografia: juliana bessa.

ZINE

IN.CA

[INTERVENÇÕES CRÍTICAS]

#2

janeiro-abril de 2012

editores

carlos henrique
juliana bessa

contato

editorial@zineinca.com

capa e contracapa

concepção de carlos henrique com fotografia de benoit paillé (capa) e hengki koentjoro (contracapa).

colaboradores

bárbara porto
benoit paillé
bruno garrote
ernesto de carvalho
hengki koentjoro
jon goering
lena tosta
liana lessa
marcos sêmola
olivier boëls
paulo renato souza cunha

ZINE
IN.CA
[INTERVENÇÕES CRÍTICAS]

www.zineinca.com

o zine in.ca [intervenções críticas] é uma publlicação de distribuição livre, que é possível devido à colaboração de inúmeras pessoas.

todas os trabalhos fotográficos foram reproduzidos com a autorização de seus respectivos autores, que detém todos os direitos sobre suas próprias criações.

Brasília, janeiro de 2012
Brasil

ZINE
IN.CA
[INTERVENÇÕES CRÍTICAS]

#2

janeiro-abril de 2012

editorial 7

FOTOGRAFIA

mind the step
MARCOS SÊMOLA 18

minim
HENGKI KOENTJORO 28

ye'thiopia
JON GOERING 44

toque
ERNESTO DE CARVALHO 66

maharaj
OLIVIER BOËLS & LENA TOSTA 82

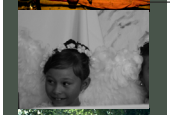
longe de casa
BÁRBARA PORTO 98

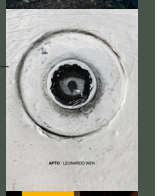
rainbow gathering
BENOIT PAILLÉ 104

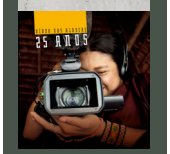
LIVROS

sqs 108: o código da modernidade 136

vídeo nas aldeias: 25 anos depois 138







CRÍTICA

10 *a tinta vermelha*
SLAVOJ ŽIŽEK

24 *narrativas possíveis*
LIANA LESSA

127 *penetrar-no-mundo: melancolia*
BRUNO GARROTE

FICÇÃO

96 *terminal*
PAULO RENATO SOUZA CUNHA

COLUNAS

102 *camera work*
EXPOSIÇÕES, LIVROS E BLOGS

126 *arquivo*
A MEMÓRIA DA FOTOGRAFIA
The Migrant Mother

140 *colaboradores & agradecimentos*

VARANDA
PROJETOS CULTURAIS

FOTOGRAFIA E PENSAMENTO

//NA VARANDA

FOTO: GUI MOHALLEM

WORKSHOPS

SINTA O VENTO NA VARANDA!
Varanda é um lugar da casa onde a gente se sente à vontade. Lugar de trocar idéias, contemplar o mundo e arejar. A fotografia é o nosso modo de ver, nosso modo de vida, de ser e estar no mundo. Sabemos que a parte está no todo, que está na parte. Por isso, aqui a fotografia é transversal. Ela está na arte, na gastronomia, na literatura, no cinema, na filosofia, na biologia, mas acima de tudo, está em nós. Puxe a cadeira e sinta-se à vontade!

PROPOSTA
A Varanda é uma empresa de produção cultural, com foco em fotografia, que tem como proposta produzir atividades multidisciplinares e interessantes, tais como workshops, projetos de exposição, lançamentos de livros, palestras, etc. Cadastre-se em nosso site para receber a newsletter e fique sabendo as novidades que vêm por aí!

INFORMAÇÕES:
// CURSOS@LANAVARANDA.COM
61 8273 - 0160

WWW.LANAVARANDA.COM

www.lanavaranda.com

INTERVIR

(editorial)

O *Zine IN.CA [Intervenções Críticas]* chega a seu segundo número como um projeto em evolução. O processo de edição tornou-se mais complexo, o que exigiu maior dedicação e cuidado. Nesse número, Juliana Bessa passou a integrar o editorial do zine. E não deve parar por aí. Ao longo dos próximos meses deveremos formar um comitê editorial e agregar mais pessoas interessadas em colaborar com o amadurecimento da publicação.

•

A ideia que motiva a existência de IN.CA é, na verdade, um tanto simples, e cremos estar sintetizada em seu título, embora ele ainda intrigue uma parte do público. Uma breve explicação talvez desfaça as dúvidas.

O nome IN.CA é simplesmente uma contração do conceito motriz do zine: Intervenções Críticas. Mas o que entendemos por "intervenção crítica"? Uma intervenção crítica é nada menos que uma forma de marcação do tempo, de pontuação ou de inflexão. Uma intervenção crítica é uma maneira de interromper a ilusão do fluxo contínuo do tempo e de criar artefatos para reflexão.

Em outras palavras, uma intervenção crítica é uma tentativa de resistir à inércia da vida sob a cultura do capitalismo, onde a luta diária pela sobrevivência, a ocupação com as atividades do labor, e as inúmeras formas de violência direta e/ou simbólica (o sexismo, o racismo, a opressão econômica, a supressão das possibilidades de auto-expressão, a imposição da limitação da criatividade, e todos os tipos de assédio moral) são representadas como uma espécie de natureza, onde não haveria saída ou alternativa que não aceitar o rolo compressor da homogeneização das subjetividades.

Intervir criticamente, portanto, significa agir sobre essa temporalidade colocando sob suspensão os pressupostos que essa cultura impõe como autoevidentes. Significa colocar essa temporalidade entre parêntesis, e transformá-la em objeto de reflexão, questionamento e compreensão. Porque transformando-a em objeto é possível evidenciar seus limites, suas fronteiras, suas bordas e dobras e compreender que, em muitos casos, pode haver um lado de fora, pode existir outras possibilidades, outras alternativas e outras temporalidades. Realizar uma intervenção no tempo é uma tentativa de recordar que as temporalidades são invenções humanas.

O objetivo de uma intervenção crítica, em certo sentido, é reinventar a esperança, e não realizar a transformação final do mundo. O que resulta de uma intervenção no tempo é a lembrança de que o mundo e a vida, por difíceis e complexas que sejam, permanecem abertos, e que a história não acabou.

Diversas tradições da fotografia há mais de um século produzem tal tipo de intervenção. Manipulando o tempo a fotografia renovou o modo como vemos a cidade, as pessoas, a paisagem, a guerra, o trabalho, a dor, a política, o erotismo, a morte e tantos outros aspectos fundamentais da vida. E com essa renovação produziu importantes inflexões no curso "natural" das coisas, seja por meio do fotojornalismo e da fotografia documental, com sua linguagem referencial; seja através da apropriação artística da fotografia e suas incursões nas paisagens interiores, na subjetividade, no inconsciente, na exploração da recusa da representação e na produção do evento fotográfico ou da imagem autoreferencial.

•

Assim, a ideia/conceito que dá nome ao zine é mais uma descrição daquilo já que é próprio da fotografia (embora não exclusiva dela) do que uma agenda política ou estética.

•

Deixando as teorias e justificativas para trás, o segundo número de IN.CA apresenta várias novidades. Uma delas é a criação de duas colunas que devem continuar nos próximos números, além da abertura de um espaço para resenhas e comentários de livros de fotografia ou de áreas afins.

Abrimos o número atual destacando o movimento *Ocuppy Wall Street*. Publicamos um discurso proferido pelo filósofo Žižek para os manifestantes no parque Zuccotti, em Nova York. Em sua leitura da crise no coração do capitalismo, Žižek chama a atenção para a necessidade de se manter a imaginação ativa, referenrindo-se às possibilidades abertas pelo desmantelamento da estrutura financeira norte-americana. O texto vem acompa-nhado por uma série de pôsteres inspirados pela iniciativa do OWS, e que circularam pela internet e pelas ruas mundo afora.

Cinema e literatura também marcam presença. Liana Lessa tematiza as estratégias narrativas de *Viajo porque preciso, volto porque te amo*, de Karin Ainouz e Marcelo Gomes, filme que causou grande impressão no cinema brasileiro recente. Bruno Garrote oferece sua interpretação para um dos filmes mais comentados da temporada, *Melancholia*, de Lars von Triers. E Paulo Renato Souza Cunha inventa memórias, misturando fotografia e literatura em seu conto *Terminal*.

Outra novidade é que os trabalhos fotográficos ganharam mais espaço nesse número. Os ensaios que reunimos apresentam diferentes estilos, abordagens, problemáticas, propostas estéticas, além de uma grande dispersão geográfica.

Marcos Sêmola aponta sua câmera para transeuntes que circulam pelas escadarias da estação de metrô da Trafalgar Square, em Londres. Na Tailândia, Hengki Koentjoro cria paisagens minimalistas reduzindo o ambiente a seus elementos essenciais. E do Brasil, Bárbara Porto nos trás o registro da festa de Nossa Senhora de Santana, em Pindoba, Sergipe.

Quatro ensaios chamam a atenção pela intensidade da imersão em realidades e comunidades absolutamente fascinantes, e pela determinação de seus autores em investir em projetos fotográficos de longa duração.

Em *Ye'thiopia*, Jon Goering retrata os rituais de uma das mais antigas tradições cristãs, proporcionando uma visão rara e sensível das práticas do cristianismo ortodoxo da Etiópia, resultado dos anos em que viveu no país. *Toque*, o trabalho de Ernesto de Carvalho, coloca em cena a energia dos rituais do Xangô do Recife. O ensaio evidencia a confiança e a abertura da comunidade obtidas por meio de uma relação de mútuo respeito construída ao longo do tempo.

Em *Rainbow Gathering*, Benoit Paillé produz uma série de retratos marcantes. O trabalho é produzido a partir de uma visão interna. É a perspectiva de um nativo do próprio grupo que retrata, uma comunidade que a cada ano busca criar um espaço temporário para a vivência de uma utopia igualitária e fraterna.

Por fim, Olivier Boëls e Lena Tosta apresentam o asceta indiano *Maharaj*, que em 1975 levantou seu braço e o manteve elevado desde então, como um ato de liberdade e poder sobre o corpo. Nesse ensaio colaborativo entre um fotógrafo e uma antropóloga, Lena e Olivier lançam um olhar compreensivo sobre a figura enigmática do sadhu, realizando um valioso trabalho de tradução intercultural, buscando romper com a tradição exotizante da fotografia ocidental.

Esperamos que apreciem segundo número de IN.CA, e aguardem novidades para a próxima edição.

carlos henrique & juliana bessa

NO PRÓXIMO NÚMERO

fotografia: gihan tubbeh

delírios noturnos de gihan tubbeh

VENCENDORA DO PRÊMIO WORLD PRESS PHOTO DE 2009 NA CATEGORIA "COTIDIANO".

ZINE IN.CA [INTERVENÇÕES CRÍTICAS] # 3

Acesse www.zineinca.com e saiba como colaborar.

a tinta vermelha

SLAVOJ ŽIŽEK

Conhecido por suas posições polêmicas e por sua peculiar estilo de crítica ao capitalismo, o filósofo esloveno fez uma breve visita aos manifestantes do movimento Occupy Wall Street. Ele aproveitou para deixar sua mensagem. Eis abaixo a transcrição de seu discurso.

NÃO SE APAIXONEM POR SI MESMOS, nem pelo momento agradável que estamos tendo aqui. Carnavais custam muito pouco – o verdadeiro teste de seu valor é o que permanece no dia seguinte, ou a maneira como nossa vida normal e cotidiana será modificada. Apaixone-se pelo trabalho duro e paciente – somos o início, não o fim. Nossa mensagem básica é: o tabu já foi rompido, não vivemos no melhor mundo possível, temos a permissão e a obrigação de pensar em alternativas. Há um longo caminho pela frente, e em pouco tempo teremos de enfrentar questões realmente difíceis – questões não sobre aquilo que não queremos, mas sobre aquilo que QUEREMOS. Qual organização social pode substituir o capitalismo vigente? De quais tipos de líderes nós precisamos? As alternativas do século XX obviamente não servem.

Então não culpe o povo e suas atitudes: o problema não é a corrupção ou a ganância, mas o sistema que nos incita a sermos corruptos. A solução não é o lema “Main Street, not Wall Street”, mas sim mudar o sistema em que a Main

Street não funciona sem o Wall Street. Tenham cuidado não só com os inimigos, mas também com falsos amigos que fingem nos apoiar e já fazem de tudo para diluir nosso protesto. Da mesma maneira que compramos café sem cafeína, cerveja sem álcool e sorvete sem gordura, eles tentarão transformar isto aqui em um protesto moral inofensivo. Mas a razão de estarmos reunidos é o fato de já termos tido o bastante de um mundo onde reciclar latas de Coca-Cola, dar alguns dólares para a caridade ou comprar um cappuccino da Starbucks que tem 1% da renda revertida para problemas do Terceiro Mundo é o suficiente para nos fazer sentir bem. Depois de terceirizar o trabalho, depois de terceirizar a tortura, depois que as agências matrimoniais começaram a terceirizar até nossos encontros, é que percebemos que, há muito tempo, também permitimos que nossos engajamentos políticos sejam terceirizados – mas agora nós os queremos de volta.

Dirão que somos “não americanos”. Mas quando fundamentalistas conservadores nos disserem que os Estados Unidos são uma nação cristã, lembrem-se do que é o Cristianismo: o Espírito Santo, a comunidade livre e igualitária de fiéis unidos pelo amor. Nós, aqui, somos o Espírito Santo, enquanto em Wall Street eles são pagãos que adoram falsos ídolos.

Dirão que somos violentos, que nossa linguagem é violenta, referindo-se à ocupação e assim por diante. Sim, somos violentos, mas somente no mesmo sentido em que Mahatma Gandhi foi violento. Somos violentos porque queremos dar um basta no modo como as coisas andam – mas o que significa essa violência puramente simbólica quando comparada à violência necessária para sustentar o funcionamento constante do sistema capitalista global?

Seremos chamados de perdedores – mas os verdadeiros perdedores não estariam lá em Wall Street, os que se safaram com a ajuda de centenas de bilhões do nosso dinheiro? Vocês são chamados de

Edd Baldry. “Occupy Everything.” (EUA)*

Jared Davidson: “Never in History.” (Nova Zelândia)

“Nós somos comunistas em um sentido apenas: nós nos importamos com os bens comuns – os da natureza, do conhecimento – que estão ameaçados pelo sistema.”

Keisuke Narita: “Senkyo” (Japão)

Imnop: “Rise Up”. (EUA)

Seth Tobocman: "Banks took our money" (EUA)

socialistas, mas nos Estados Unidos já existe o socialismo para os ricos. Eles dirão que vocês não respeitam a propriedade privada, mas as especulações de Wall Street que levaram à queda de 2008 foram mais responsáveis pela extinção de propriedades privadas obtidas a duras penas do que se estivéssemos destruindo-as agora, dia e noite – pense nas centenas de casas hipotecadas…

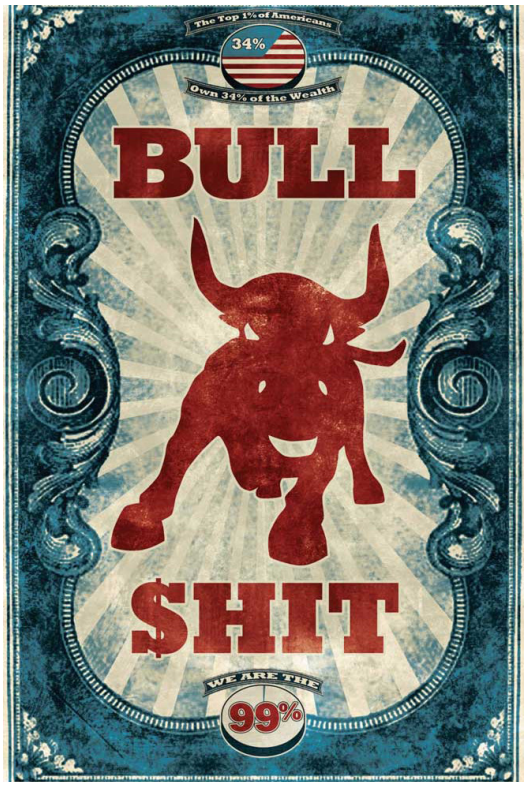
Nós não somos comunistas, se o comunismo significa o sistema que merecidamente entrou em colapso em 1990 – e lembrem-se de que os comunistas que ainda detêm o poder atualmente governam o mais implacável dos capitalismos (na China). O sucesso do capitalismo chinês liderado pelo comunismo é um sinal abominável de que o casamento entre o capitalismo e a democracia está próximo do divórcio. Nós somos comunistas em um sentido apenas: nós nos importamos com os bens comuns – os da natureza, do conhecimento – que estão ameaçados pelo sistema.

Eles dirão que vocês estão sonhando, mas os verdadeiros sonhadores são os que pensam que as coisas podem continuar sendo o que são por um tempo indefinido, assim como ocorre com as mudanças cosméticas. Nós não

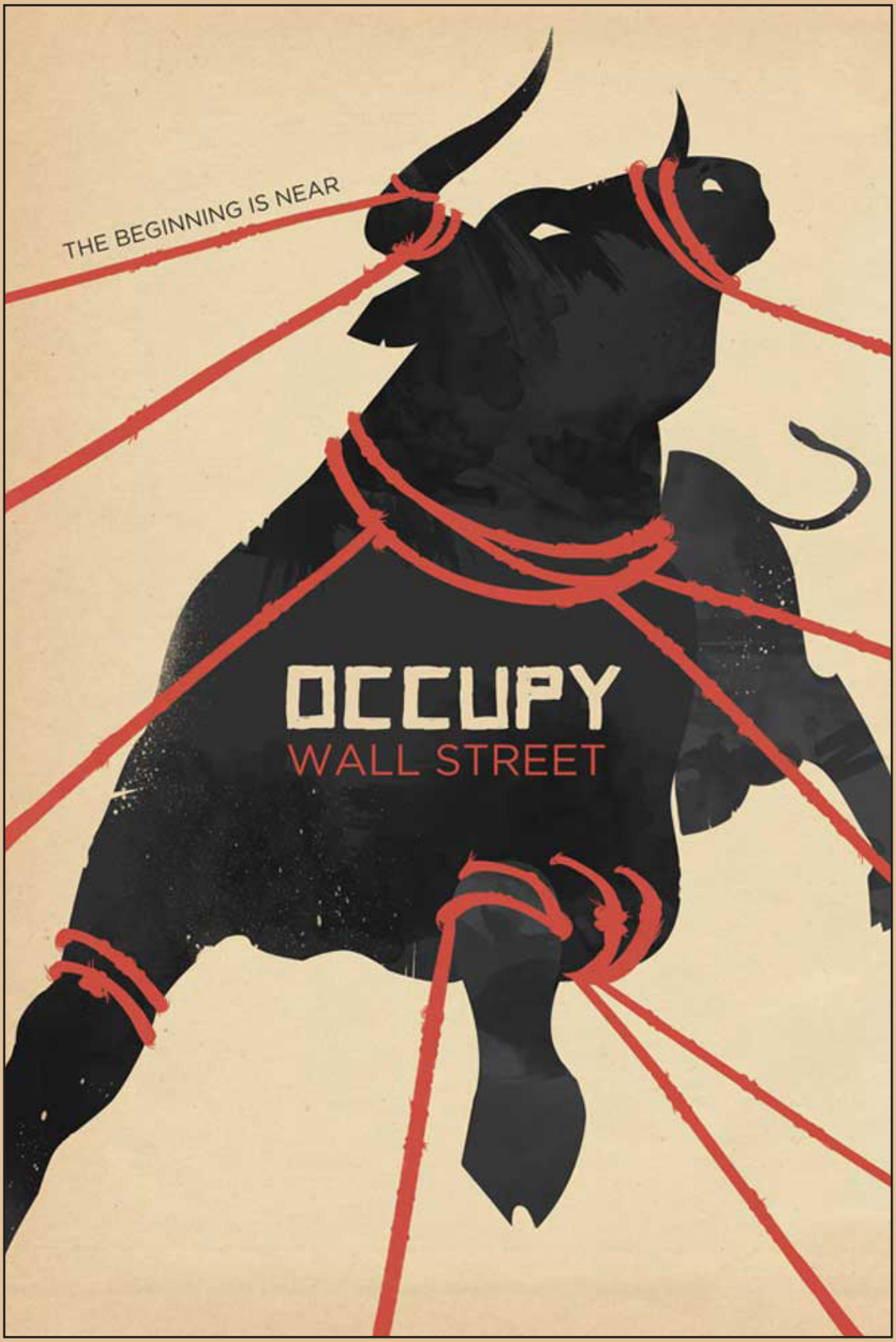
estamos sonhando; nós acordamos de um sonho que está se transformando em pesadelo. Não estamos destruindo nada; somos apenas testemunhas de como o sistema está gradualmente destruindo a si próprio. Todos nós conhecemos a cena clássica dos desenhos animados: o gato chega à beira do precipício e continua caminhando, ignorando o fato de que não há chão sob suas patas; ele só começa a cair quando olha para baixo e vê o abismo. O que estamos fazendo é simplesmente levar os que estão no poder a olhar para baixo…

Então, a mudança é realmente possível? Hoje, o possível e o impossível são dispostos de maneira estranha. Nos domínios da liberdade pessoal e da tecnologia científica, o impossível está se tornando cada vez mais possível (ou pelo menos é o que nos dizem): "nada é impossível", podemos ter sexo em suas mais perversas variações; arquivos inteiros de músicas, filmes e seriados de TV estão disponíveis para download; a viagem espacial está à venda para quem tiver dinheiro; podemos melhorar nossas habilidades físicas e psíquicas por meio de intervenções no genoma, e até mesmo realizar o sonho tecnognóstico de atingir a imortalidade transformando nossa identidade em um programa de computador. Por outro lado, no domínio das relações econômicas e sociais, somos bombardeados o tempo todo por um discurso do "você não pode" se envolver em atos políticos coletivos (que necessariamente terminam no terror totalitário), ou aderir ao antigo Estado de bem-estar social (ele nos transforma em não competitivos e leva à crise econômica), ou se isolar do mercado global etc. Quando medidas de austeridade são impostas, dizem-nos repetidas vezes que se trata apenas do que tem de ser feito. Quem sabe não chegou a hora de inverter as coordenadas do que é possível e impossível? Quem

Ruben Ochoa: "We are many". (México)



James: "Bull shit". (EUA)



Alexandra Clotfelter: “The beginning is near”. (EUA)

sabe não podemos ter mais solidariedade e assistência médica, já que não somos imortais?

Em meados de abril de 2011, a mídia revelou que o governo chinês havia proibido a exibição, em cinemas e na TV, de filmes que falassem de viagens no tempo e histórias paralelas, argumentando que elas trazem frivolidade para questões históricas sérias – até mesmo a fuga fictícia para uma realidade alternativa é considerada perigosa demais. Nós, do mundo Ocidental liberal, não precisamos de uma proibição tão explícita: a ideologia exerce poder material suficiente para evitar que narrativas históricas alternativas sejam interpretadas com o mínimo de seriedade. Para nós é fácil imaginar o fim do mundo – vide os inúmeros filmes apocalípticos –, mas não o fim do capitalismo.

Em uma velha piada da antiga República Democrática Alemã, um trabalhador alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que todas as suas correspondências serão lidas pelos censores, ele diz para os amigos: "Vamos combinar um código: se vocês receberem uma carta minha escrita com tinta azul, ela é verdadeira; se a tinta for vermelha, é falsa". Depois de um mês, os amigos receberam a primeira carta, escrita em azul: "Tudo é uma maravilha por aqui: os estoques estão cheios, a comida é abundante, os apartamentos são amplos e aquecidos, os cinemas exibem filmes ocidentais, há mulheres lindas prontas para um romance – a única coisa que não temos é tinta vermelha." E essa situação, não é a mesma que vivemos até hoje? Temos toda a liberdade que desejamos – a única coisa que falta é a "tinta vermelha": nós nos "sentimos livres" porque somos desprovidos da linguagem para articular nossa falta de liberdade. O que a falta de tinta vermelha significa é que, hoje, todos os principais termos que usamos para designar o conflito atual – "guerra ao terror", "democracia e liberdade", "direitos humanos" etc. etc. – são termos FALSOS que mistificam nossa percepção da situação em vez de permitir que pensemos nela. Você, que está aqui presente, está dando a todos nós tinta vermelha. (S.Z.) - Tradução **Rogério Bettoni**.

Nobodycorp Internanationale Unlimited: "Dudukijacarta" (Indonésia)

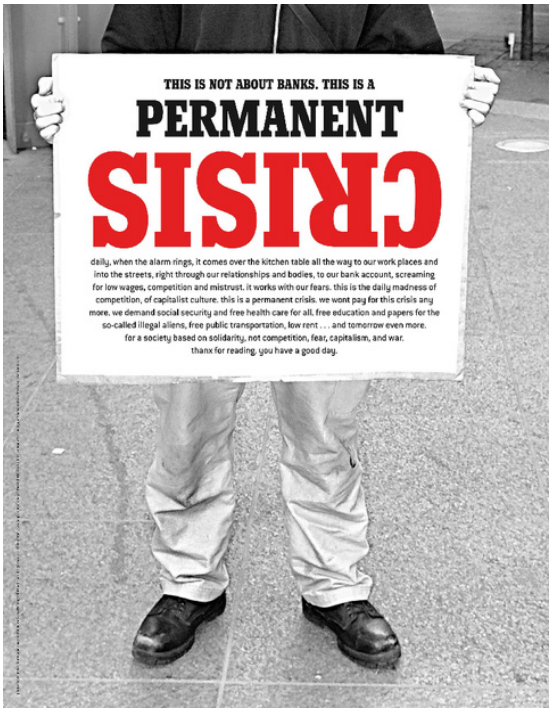
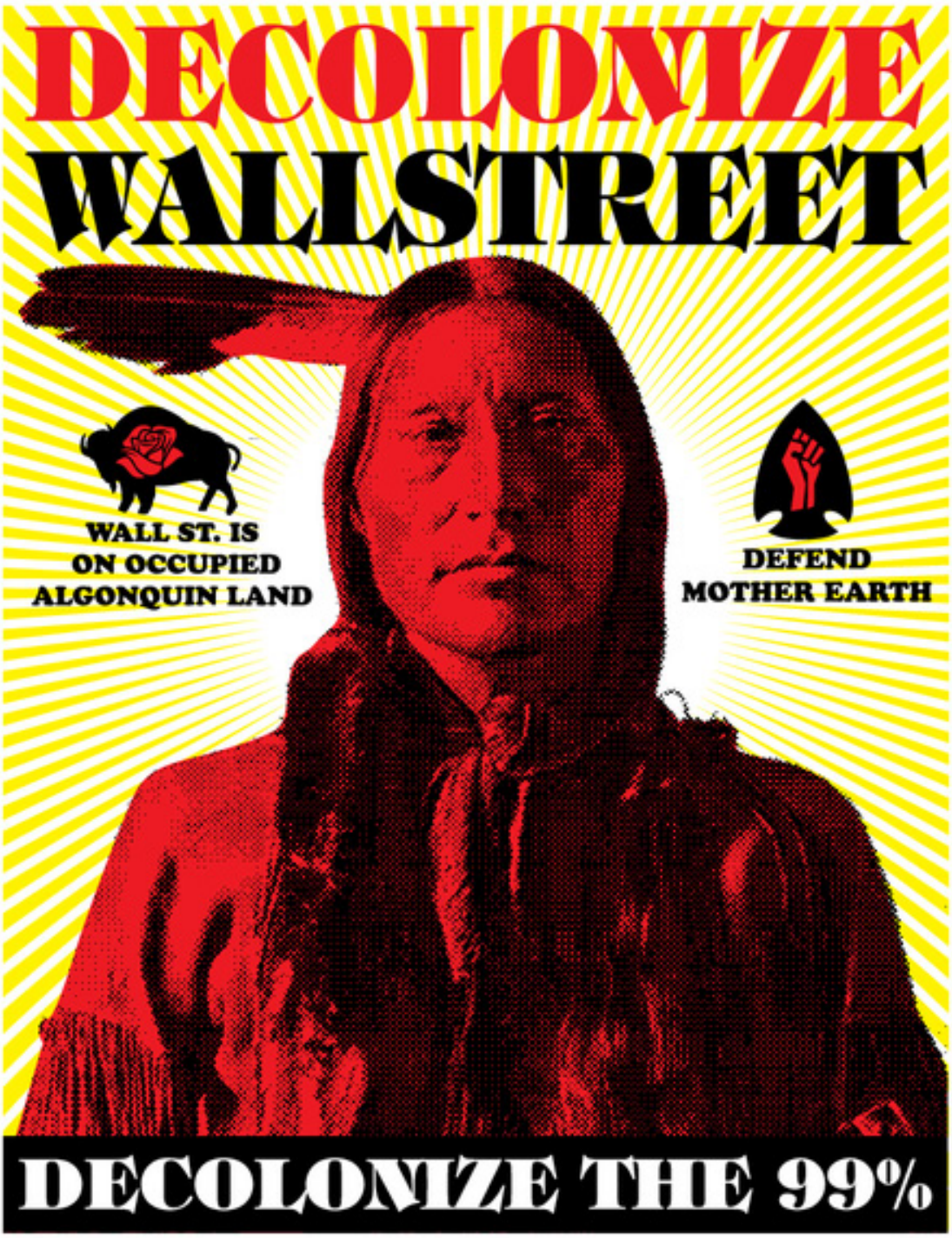


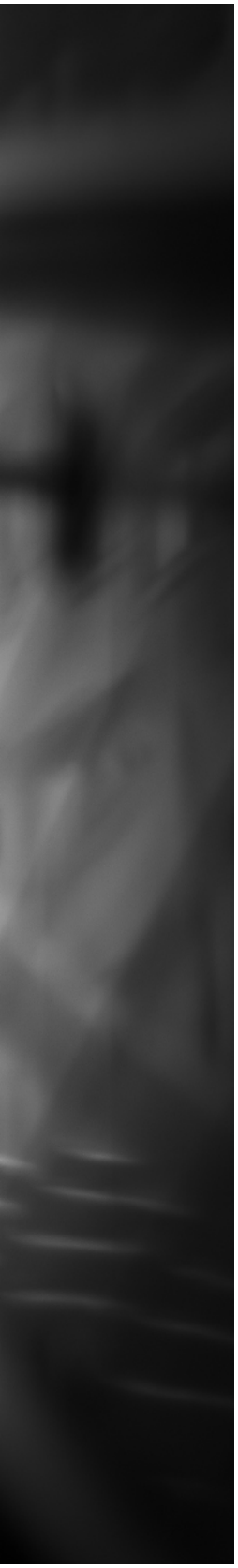
Image-Shift: "Permanent Crisis". (Alemanha)



Ernesto Yerena, Orlando Arenas, Sandra Castro & Ricardo Lopez : "Decolonize Wall Street." (EUA)

MIND THE STEP

Marcos Sêmola



Marcos Sêmola posciona-se como um caçador e dispara sua câmera para capturar momentos decisivos nas ruas de Londres.

O PROJETO

DEPOIS DE VIVER POR 4 ANOS EM LONDRES, estava de volta à cidade para tratar de negócios. Durante uma pausa nas reuniões, levei minha câmera a uma tradicional caminhada para fotografia de rua, e para visitar o *London Street Festival Photography* que acontecia naquele momento. Saindo da estação de metro da London Trafalgar Square, eu percebi uma boa composição formada pela conjunção de uma escada em curva seguida de um corrimão, e um grande fundo formado por um céu brilhante e um edifício. Imediatamente eu tive a idéia de explorar as escadas. Então me posicionei para esperar personagens interessantes atravessarem o local ou descerem.

Passei cerca de uma hora e meia na mesma posição à procura de pessoas, que são elementos fundamentais em meu trabalho. De volta ao Brasil, eu tive a idéia de desenvolver um projeto temático chamado agora “Mind the Step”. E aqui estamos nós. (M.S.)

NARRATIVAS POSSÍVEIS

Liana Lessa

Ficção dos cineastas Karin Ainouz e Marcelo Gomes formado por fragmentos de imagens colhidas para um documentário lança questões sobre o estatuto da narrativa contemporânea.

ANTES MESMO DE "VIAJO PORQUE PRECISO, volto porque te amo"(2009), as imagens realizadas durante uma viagem dos diretores Karim Ainouz e Marcelo Gomes cruzando o sertão nordestino, registrando lugares remotos, tradições e costumes da paisagem brasileira, foram utilizadas na realização do documentário experimental "Sertão de Acrílico Azul Piscina"(2004).

Retratando um sertão simbólico a partir de imagens capturadas tanto em câmera digital, super-8, 16 mm e fotografias, um desve-

lamento do local é feito como forma de fabular sobre ele mesmo.

Parte-se de uma hipótese diferenciada de escritura fílmica São 26 minutos de registro puro de situações, uma experimentação linguística em que emprega ousadamente a matéria fílmica não como suporte da imagem, mas como imagem de si mesma. De feiras, estradas, mandacaru, Padre Cícero e baião, a imagem em si é o personagem principal.

As transformações, fluidez e plasticidade da imagem privilegiam a experiência do processo em detrimento da construção de uma narrativa. O espectador é solicitado perceptivamente a analisar as imagens e as situações que lhe são apresentadas.

"As transformações, fluidez e plasticidade da imagem privilegiam a experiência do processo em detrimento da construção de uma narrativa."

Trata-se de uma etnografia estética a documentar o imaginário sertanejo, dissolvendo a subjetividade do diretor e do espectador quanto ao material, como propõe Arthur Omar quando trata de um "anti-documentário", a favor de uma investigação livre.

Ao explorar estruturas do imaginário ao invés de fatos da realidade, "Sertão de acrílico azul piscina" não forma um único sentido, mas um mapa de questões mentais a ser explorado.

O modo como é percebido, montado, é algo que inevitavelmente surge.

Usando então o conceito de Estética das Ruínas, de Catherine Russel, ao definir essas imagens que juntam forças temporariamente para então se separarem e em seguida unirem-se novamente, alteradas por especifici-

dades de tempo e espaço, dá-se o desenvolvimento dessas duas experimentações linguísticas.

Quando chega-se a "Viajo porque preciso, volto porque te amo" essas mesmas imagens são desmontadas, esvaziadas de seu uso inicial e remontadas em uma nova obra. Um novo sentido é dado a elas e uma lógica mais complexa é construída ao adicionar uma voz off à montagem. Uma outra camada de compreensão é adicionada, ainda que não se veja o rosto do protagonista durante o filme.

O personagem não modifica o lugar, mas anseia pela modificação de si próprio, todos os conflitos se resolvem na movimentação pessoal, êxodo particular. Resta à imagem construí-lo. O fluxo de imagens com suas dilatações temporais reafirmarão o carácter sensorial da narrativa.

Ao espectador, segue um roteiro carregado de indeterminacões. Diferentemente de Glauber Rocha, o Sertão não é território de conflitos sociais e de mobilização, mas um espaço de passagem, no qual o único conflito é individual. (L.L.)

Referencias:

Arthur Omar. Sobre a forma do documentário. Revista de Cultura Vozes / n.6 /1978 / ano 72

Catherine Russell. Experimental Ethnography – The work of film in the age of vídeo. Durham and London: Duke University Press, 1999.

Todas as imagens aqui utilizadas são stills retirados do filme *Viajo Porque Preciso, Volto Porque te Amo.*

compre um pôster e receba um livro de gUi Mohallem

welcome home

fotografia: gui mohallem

Após quatro exposições no Brasil e nos EUA, a série Welcome Home *se tornará livro. A edição, com cerca de cinquenta imagens, muitas delas inéditas, contará ainda com texto crítico de Gabriel Bogossian, um ensaio literário de Ismar Tirelli Neto & Marcos Visnadi e, por fim, o relato de Q, frequentador do Santuário.*

Com o intuito de viabilizar a produção do livro, 300 pôsteres numerados, impressos em papel de algodão de 40 x 60 cm, foram colocados à venda. Aquele que adquirir um pôster ganhará um exemplar do livro assim que ficar pronto. O primeiro lote deve estar disponível em meados de 2012.

O poster está sendo vendido a R$ 120,00 como proposta de torná-lo acessível ao maior número possível de pessoas. Como apoio ao projeto, a Galeria Emma Thomas gentilmente cedeu seu percentual sobre as vendas.

Além dos pontos de venda em São Paulo e Brasília, também é possível adquirir o poster no site www.guimohallem.com. O frete já inclui o envio do livro quando este ficar pronto.

CONTATOS: livro@guimohallem.com

LOCAIS DE VENDA:

EM SÃO PAULO:

• Casa Tomada, Rua Brás Cubas, 335 Aclimação (marcar hora)
11 2532-7455 info@casatomada.com.br

• MOB studio, Rua Matias Aires, 71, sala 02, Bela Vista.
11 3171-3678 gabriela@mobstudio.com.br

• Galeria Emma Thomas, Rua Barra Funda 216.
11 3666-6489 contato@emmathomas.com.br

• Estúdio Luzia, Rua Tito 79.
11 3673-6671 contato@estudioluzia.com.br

EM BRASÍLIA:

• Varanda – Projetos Culturais
61 8273 0160 cursos@lanavaranda.com

A série minimalista do fotógrafo indonésio Hengki Koentjoro recria um mundo de imagens extasiantes, reduzindo o visível a seus elementos essenciais.

MiniM

Hengki Koentjoro

mi.ni.ma.lis.mo
**substantivo \ mi-ni-ma-liz-mo **

Definição de MINIMALISMO

: Um estilo ou técnica (como na música, literatura, ou design) que se caracteriza pela extrema economia e simplicidade. (H.K.)

MiniM
Píer de Kri, Oeste de Papua, Indonésia

∞
Pier of Alor , East of Indonesia

FATAMORGANA
Illusion

PIER
A pier in Misool Island, West Papua, Indonesia

FISHERMAN
Parang Teritis Beach, Jogjakarta, Indonesia

OCEAN JOURNEY
Parang Teritis Beach, Jogjakarta, Indonesia

CURVATURE
Curva da estrada de ferro, Santa Barbara, Califórnia.

FADE
Tengger Highland, Leste de Java, Indonesia

VULNERABLE
Jaws

WOODEN BOAT
Wooden boat from under the water.

GOING HOME
Parang Teritis Beach, Jogjakarta, Indonesia

SINGULAR
Tree @ White Caldera, West Java

ZEN GARDEN
White Caldera, West Java, Indonesia

ye'thiopia

fotografia

JON GOERING

A Etiópia é a região onde se enraizou uma das mais antigas tradições d
vais, como a de Preste João, a igreja etíope organizou-se em torno de um
Ortodoxa do Oriente. Jon Goering viveu dois anos no país. Nessa entrev

IN.CA: *Poderia nos dizer como o fotojornalismo entrou em sua vida?*

JON GEORING: Eu comecei a levar o jornalismo bastante a sério durante o tempo em que vivi na Etiópia, em 2005. Foi um período difícil para o país porque era um ano eleitoral. Um dos partidos opositores estava ganhando muita força, o que foi um grande desafio para o partido no poder. Manifestantes ocupavam as ruas e parecia que o país entraria de fato em uma batalha sobre o controle do governo. Tendo crescido em uma pacata cidade universitária no norte dos Estados Unidos, esta foi realmente uma experiência bem diferente para mim, e acredito que pela primeira vez eu realmente vi de perto o efeito de ter ou não informação sobre o que está acontecendo e como isso pode realmente afetar o resultado de uma situação. Até aquele momento, eu havia morado por mais de dois anos, no leste da África, e minha esposa (que é etíope) e eu tínhamos uma filha bastante pequena, que havia nascido ali. Então eu estava bastante interessado em como tudo aquilo ia acabar. Naquele momento eu estava interessado em fotografia de viagem. Mas observando o desenrolar deste conflito foi a primeira vez em que pensei sobre realmente estudar e tornar-me jornalista. Eu sentia como se hou-

o cristianismo. Datando do século IV, e dando origens a lendas medie-
a versão bastante peculiar, aderindo no meio do século passado à Igreja
ista, ele nos conta um pouco sobre sua experiência na África.

vesse muitas formas de compartilhar informação, e que a fotografia era apenas uma dessas formas – e uma que aconteceu de eu gostar muitíssimo. Mas eu acredito que compartilhar a mensagem é de longe a coisa mais importante, e as pessoas em geral deveriam fazer isso através de qualquer meio que lhes fosse possível. Eu gosto de pensar que se eu não pudesse tirar mais fotografias, eu faria exatamente as mesmas coisas que eu estou fazendo agora mas encontrando outra forma de transmitir informações e ideias.

IN.CA: *Nos conte um pouco sobre esse incrível ensaio "Ye'thiopia".*

J.G: Eu trabalhei nesse ensaio quando voltei à Etiópia para visitar familiares. A família da minha mulher é Cristã Ortodoxa. Então foi interessante para mim ter sido adotado por essa cultura que eu queria explorar fotograficamente. A Etiópia é um país que tem um cruzamento de coisas que são absolutamente lindas e de coisas que não são – para ser honesto– tão bonitas. Eu vi estes cruzamentos com muita frequência nas cerimônias que cercam a igreja, e eu me esforcei para capturar isto. Acredito que apenas comecei a arranhar a superfície das possibilidades desse projeto, e espero continuar desen-

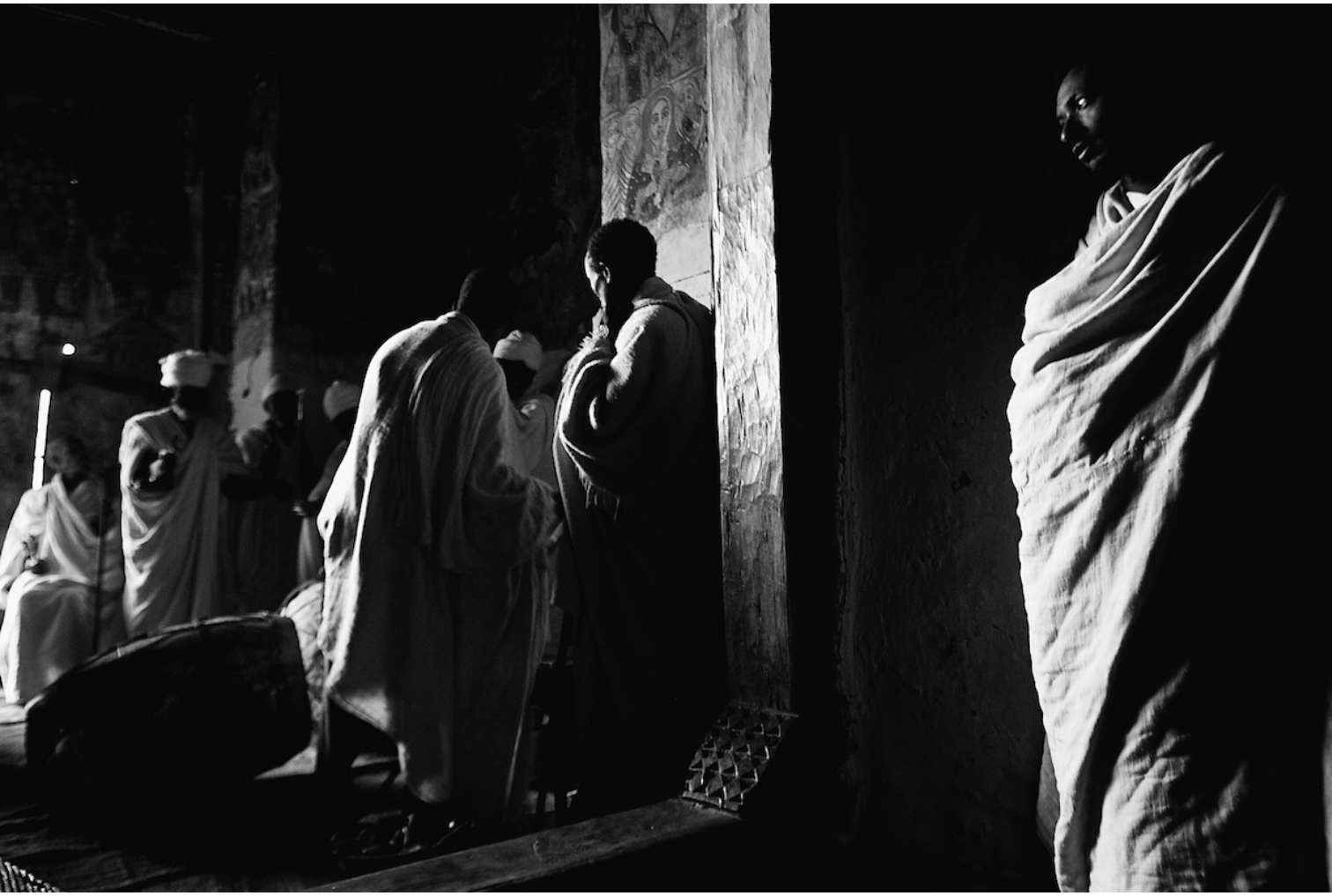
volvendo-o ao longo por toda a minha vida já que minha relação com a religião é também um compromisso para toda a vida. O título significa apenas "Igreja Ortodoxa da Etiópia", ou algo nesse sentido, em Amárico [uma língua de origem semítica falada da Etiópia]. E gostei de usar o Amárico porque senti que seria mais autêntico, mas também porque havia pistas suficientes nessas palavras para captar o sentido básico do título.

IN.CA: *Em seu trabalho podemos ver que você se mistura às pessoas, se aproxima, e tem acesso a cenas muito íntimas. Como foi sua abordagem e seu processo de trabalho?*
J.G: Acredito que minha estreita relação com o país foi de extremo auxílio para me aproximar das pessoas e também para que elas se sentissem a vontade com a minha presença. Como como disse antes, eu estava vivendo no país por alguns anos, então eu me sentia à vontade com as pessoas e conseguia conversar numa versão provavelmente muito ruim (mas também hilária) de Amárico - o que também ajuda a quebrar o gelo. E embora nem todos na Etiópia falem Amárico, o que significa que essa abordagem nem sempre funciona, eu genuinamente tenho um grande amor e respeito pelas pessoas desse país. Eles são um povo gentil e nobre, e são também muito acolhedores e atenciosos. Eu me senti confortável na presença deles, e acredito que eles se sentiram tão confortáveis quanto eu.

E estar ao redor de pessoas que, como uma coletividade, tem passado por tantas coisas, com uma história tão rica e sinuosa, significa muito mais explorar minhas possibilidades como fotógrafo que que qualquer outra coisa. Eu compreendo coisas sobre o papel dessa religião, por exemplo, o que ela desempenha na vida das pessoas, algo que eu nunca poderia entender sem passar o tempo ao redor dessa realidade como eu passei. E eu espero que a com a evolução desse trabalho eu possa compartilhar isso com outros que não tiveram a oportunidade de experienciar esse mundo diretamente.

IN.CA: *O fotojornalismo pode ser uma atividade emocionalmente bastante desgastante. O que se vê, se presncia e fotografa pode se bastante impactante. Como você processa essa questão?*

J.G: Não sei como eu processo. Talvez um dia eu vá chegar a conclusão de que eu simplesmente não estou processando muito bem. Suponho que acredito no poder das histórias, ainda que continue a alertar a qualquer um que vê ou escuta, que nem tudo no mundo está bem. Idealmente, um dia nós todos alcançaremos um nível onde o trabalho que nos sentimos obrigados a fazer irá abranger pessoas suficientes para realmente haver um efeito positivo sobre mundo, certo? **(in.ca)**



Ilê Obá Aganju.

Em uma comunidade do Xangô de Recife, Ernesto de Carvalho capta com sutileza a vibrante energia do encontro entre os humanos e as divindades.

ernesto de carvalho

toque

AO LONGO DOS ÚLTIMOS 6 ANOS, filmei e fotografei diversas vezes no terreiro Ilê Obá Aganjú, como forma de registro e construção da memória visual da comunidade. Recentemente, com a generosa confiança e abertura da casa, meu trabalho lá se tornou um pouco mais focado na tentativa de construir um olhar propriamente fotográfico sobre o espaço. Este ensaio é resultado dessa nova disposição, durante dois toques, um para Xangô, e outro para Oxum, em Setembro e Outubro de 2011.

O Ilê Obá Aganjú é uma vibrante casa de culto aos orixás fundada em 1945 na zona norte do Recife, no bairro Dois Unidos, e os toques são frequentados por pessoas de várias partes da cidade, formando uma pequena comunidade religiosa, que tem como referência Maria Helena Sampaio, e sua mãe, a Yalorixá da casa, Amara Mendes. Maria Helena é também líder e cantora de um dos principais afoxés do Recife, o Afoxé Oyá Alaxé.

P. 68/69: Gabriela Sampaio.

P. 68: DE CIMA PARA BAIXO: “Mãe Amara Mendes, Vera Baroni, e Maria Helena Sampaio”.

O toque é uma festa, uma confraternização religiosa, um encontro entre os membros ausentes, presentes, divinos e humanos da comunidade - uma comunidade unida por vários tempos: um tempo de simultaneidade (dos presentes), um tempo de uma geração passada (os orixás que chegam podem ser de uma pessoa já falecida que se faz presente, ou algum orixá antigo pode ser recordado por um orixá parecido, de um membro vivo da comunidade), e um tempo ancestral, afinal os orixás algum dia existiram como humanos, como o próprio Xangô.

Oxum.

Cesta de Oxum.

Aos pés de Xangô.

Abraço entre Xangôs.

Orixalá e filha de santo.

O toque, no seu sentido mais literal, coloca em contato deuses e humanos, vivos e falecidos, existências de planos diferentes, e de tempos diferentes. O toque é esse encontro – contato físico com a divindade. É oposto a ideia católica da transcendência, na qual Deus está essencialmente longe, inalcançável. Os orixás estão no “alem”, mas eles chegam até aqui. Trata-se de um além histórico, e um “além” natural (os orixás são também forças da natureza). Os orixás estão perto. E quando estão muito perto, diz-se que nos “irradiam”. Estas são fotos irradiadas. (E.de C)

Dois Xangôs.

Yaomi, Futuro.

Ar fresco. O orixá foi embora, a pessoa fica. Mas ele anda com ela. (E. de C.)

MACK

Lick Creek Line de Ron Jude www.mackbooks.co.uk

ZINE IN.CA [INTERVENÇÕES CRÍTICAS] # 3

PUBLIQUE SEU TRABALHO

Envie um email para editorial@zineinca.com até o dia 06 de Março, com 8 a 20 imagens (3000 pixels no lado mais largo, a 300 dpi) que tenham uma proposta comum, e formem uma série ou ensaio. Dê um título e escreva algumas linhas sobre você e seu trabalho. Contextualizar sua obra pode ajudar a sensibilizar o seu público.

http://zineinca.com

fotografia

MAHARAJ

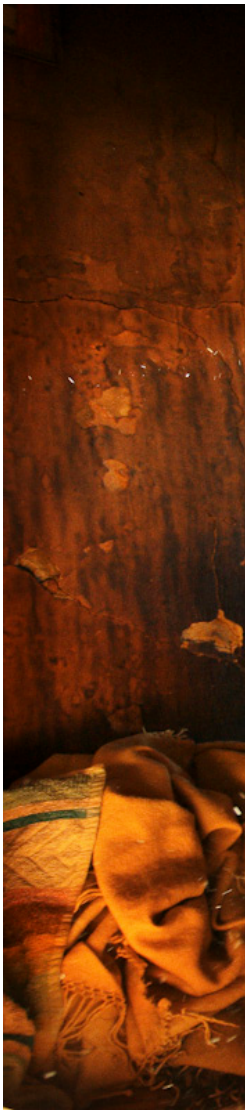
Fotografia| Olivier Boëls
Texto| Lena Tosta

Em um incrível trabalho de colaboração entre um fotógrafo e uma antropóloga, entenda porque os Sadhus são uma das figuras mais enigmáticas da cultura hindú .

ERA 1975. O BRASIL VIVIA O TRAUMA do assassinato de Vladmir Herzog e os EUA testemunhavam seu fiasco militar no Vietnã. Em algum lugar do Himalaia, Maharaj Amar Bharti levantava seu braço direito pela paz no mundo. Trinta e seis anos depois, o braço continua em pé.

O *urdhva-bahu tapasya* (“austeridade do braço elevado”) não é mera mortificação, é uma prática de empoderamento e liberação. Através dela, Maharaj produz *tapas*, o mesmo calor criativo que deu origem ao universo. Sua meta, entretanto, é contrária àquela do demiurgo cósmico, a força vital do vazio primeiro, que desejou manifestar-se em Mente e verter luz em um mundo de multiplicidade. O asceta quer dissolver as parcialidades da mente para fazer manifestar, na multiplicidade que é o mundo, a presença do Uno.

Seu nome já diz: ele é o Grande Rei Imortal. Em seu corpo disciplinado convivem vida e morte, prova de seu domínio sobre o tempo, uma conquista que começa com o controle de desejos e aversões. Por isso, Maharaj vive uma vida regrada em uma pequena vila aos pés do Himalaia. Restrito aos dois metros de seu “trono”, se alimenta apenas uma vez por dia, mantém a rotina ritual do espaço sagrado da comunidade e promove curas e ensinamentos. Abre exceção à sua vida de recluso apenas em eventos de primeira importância, como o festival kumbha mela. No entanto, mesmo na vilazinha onde estabeleceu seu refúgio, não tem nem tempo nem espaço privados. Está sempre à disposição para servir, ou simplesmente para oferecer sua presença, já que o corpo empoderado pela austeridade afeta diretamente quem o vê.



Maharaj é mesmo um asceta de reputação sólida, mas longe dele querer encarnar o “santo afastado do mundo” dos imaginários bramânicos ou ocidentais. Durante o kumbha mela, ele faz questão de deixar-se exposto ao público, não raro na companhia de estrangeirxs, mulheres e transexuais (hijras), uma pilha de dinheiro de doações a seu lado. Também não se incomoda em posar para câmeras do mundo inteiro ascendendo cachimbos de haxixe cada vez maiores e mais exóticos, ato que os renunciantes de sua linhagem praticam até em frente à polícia. Entre outros comportamentos à margem, o uso quase militante de haxixe - em um país que tem leis contra a canabis - demonstra a diferença que eles demandam do mundo moral do não-renunciante.

"Durante o kumbha mela, ele faz questão de deixar-se exposto ao público, não raro na companhia de estrangeirxs, mulheres e transexuais (hijras), uma pilha de dinheiro de doações a seu lado".

O campo de sentidos de Maharaj é um campo de poderes dissidentes construídos em contato direto com o mundo da vida, seja em sua face mais pública, a do ascetismo político-militar dos naga sadhus, seja em sua identidade mais reservada, vinculada ao kaula tantra e, em última instância, à "sabedoria louca" dos 84 mahasiddhas, iogues medievais. Como tal, o guru não é estranho aos poderes constituídos, à violência, à intoxicação, ao materialismo ou à poluição. Pelo contrário, por meio de pedagogias performáticas e (in)disciplinamentos, ascetas como Maharaj buscam desconstruir dualidades de maneira jocosa e relativista, em constante flerte com a inautenticidade.

Além de afirmar que levantou o braço pela paz no mundo, Maharaj também diz que o fez para manter viva a tradição dos grandes iogues. Sua austeridade tem lugar cativo no imaginário sobre ascetas, mas são apenas quatro os praticantes contemporâneos. O fato não parece preocupar Maharaj. Mesmo que ele tenha tomado para si um voto tão exigente em nome da perpetuação das práticas de sua linhagem, ele aceita a morte da austeridade como natural. E explica: austeridades severas são práticas de eras mais espiritualizadas. Nessa era de kali yuga, de dissolução do cosmos, manter a mais simples disciplina já é difícil. Por isso, práticas simples, como mantras, bastam.

A não ser que se queira adquirir siddhis, poderes criativos, como um dia ele quis. (L.T.)

Para iogues como Maharaj, o sagrado é acessível aos sentidos, está aparente no mundo manifestado, em todas suas cores e formas, em especial no corpo empoderado do asceta virtuose. E também em sua fotografia. Isto porque a fotografia foi incorporada à tradição dos sadhus como uma tecnologia de darshan, empoderamento através da visão. Assim, imagens produzidas, editadas e distribuídas sob os auspícios de gurus, caso das imagens aqui reproduzidas, além da voz do fotógrafo e da pesquisadora, carregam consigo uma narrativa de si dos ascetas, sua intencionalidade e, quem sabe, a eficácia de sua presença. (LT.)

Memórias inventadas num cruzamento ficcional entre palavras e fotografia.

Terminal

FOTOGRAFIA & TEXTO | PAULO RENATO SOUZA CUNHA

POUPANDO O LEITOR DE UMA INFINIDADE de pormenores sem cabimentos, relato que meu lar não passa de um retângulo extenso, pouco mobiliado e com aparência bastante suja. Prodígio da coisa é que me observo extremamente à vontade neste paraíso ilícito que agora vos descrevo muito depressa.

Estou afundado no sofá da sala, perdido em pensamentos preguiçosos sobre lances de escasso valor notório. Vezes sem conta, me imagino tirando férias sem quê nem pra quê num império isolacionista do oriente. Adormeço por alguns segundos, gerando em mim vazio que nunca se preenche. Tudo se tornou insustentável. Do que se faz de errado, lá estou eu, em jeitão torto, habitual. Abro os olhos sem cobiça, examino com grande curiosidade o meu apartamento sórdido e vejo que, na realidade, moro num lugar assustador.

Quando finalmente chegamos à capital, senti um silêncio congelado atravessar cada centímetro dos meus ossos.

Todos, sem qualquer exceção, olhavam para nós como se fôssemos desventurados de algum planeta muito remoto. Senhorita de grande encanto passou pela gente com a cabeça caída, evitando contato visual. De ordinário, as avenidas eram

sujas e os prédios imundos de fumaça espessa acinzentada. Era como se o tempo não existisse ali e houvesse algo extremamente triste em cada vivalma. Do outro lado de onde nos hospedamos, vi sujeitos perdidos, caminhando pela — ao que me deu nos botões imaginar — praça central. “Quero minha vida de volta”, pareciam dizer.

Ficamos juntos naquele inverno e me dói no peito relembrar daquele tempo que agora parece distante e vazio. Tenho uma cópia de The moon is a harsh mistress no criado-mudo, fazendo dessa memória toda algo fúnebre e curioso. Faço o tipo de sujeito impenetrável e raramente me arrisco nas idolatrias cordiais. Hoje posso jurar pela minha vida que de amor, disso eu não dou conta. Mas fui um verdadeiro tolo na época e chorei um bocado quando lhe disse adeus. É de máxima importância que o leitor saiba que dificilmente choro, senão por algum episódio de legítima seriedade. A noite estava muito tenebrosa e caía uma chuva triste na cobertura do terminal. “Qual é desta vez?” Levei tudo a bom termo até me sentar perto da janela e perceber o rosto magoado que toava distante na multidão. Via de regra, levava essas coisas de apego por bravata, mas me pareceu deveras malicioso que aquele olhar vazio me perseguisse com tanta animosidade. No decorrer das próximas horas, encontrei-me no mais sombrio estado de depressão. Abri folheto aleatório de modo a poder esconder a dor. Uma dor que eu não sei sentir. (P.R)

longe de casa

BÁRBARA PORTO

O REGISTRO DA DEVOÇÃO E DA FÉ NUMA PEQUENA CIDADE BRASILEIRA

PERDIDO NO MENOR ESTADO do país, existe um simpático lugarejo de pouco mais de 3.000 habitantes. Um local de gente simples. Pessoas que sobrevivem do que produzem e que vivem da fé.

Acolhidos na pacata Pindoba, Sergipe, são todos os que se interessam em conhecer como arquétipos podem ser descontruídos e como a sensação de felicidade pode vir de coisas simples.

Esse ensaio, nasceu do interesse em vivenciar uma realidade totalmente diferente da correria dos grandes centros e na descoberta das raízes de uma fotógrafa iniciante, sedenta por novos desafios. Através destas imagens é possível ver, como no meio do Nordeste encontra-se de tudo. Gente com quase nada transformando o pouco que tem em muito e para todos.

No mês de julho, todos interrompem seus afazeres em função dos dias de novena que marcam a celebração do dia das avós. Comemora-se o dia de Nossa Senhora de Sant`Anna, como chamam: “A mãe da mãe de Jesus”. (B.P.)

E AMA SANTANA
DO POVO DO PINDOBA
DIRETORIA DA AMA TANA. VENHAM E PARTICIPEM

camera work

notas e comentários sobre os domínios da fotografia

A Fundação Conrado Wessel recebe até o dia 09 de março de 2012 ensaios fotográficos para o 10o concurso promovido pela instituição.

O tema deste ano é "Brasil Contemporâneo", e cada candidato poderá inscrever apenas um ensaio, com no mínimo dez fotografias sobre a temática. Para detalhes e regulamento, acesse o site da fundação: http://fcw.org.br/.

•

Até o dia 01 de março estão abertas as inscrições para o Prêmio Leica Oskar Bernack 2012.

Nesse mesmo concurso haverá uma premiação especial para fotógrafos emergentes, com até 25 anos. Informações: http://www.leica-oskar-barnack-preis.de/

•

Dois blogs brasileiros são obrigatórios para quem busca boas referências em fotografia: o Dobras Visuais (www.dobrasvisuais.com.br) e o Icônica (www.iconica.com.br).

O Dobras Visuais é conduzido por Lívia Aquino, fotógrafa, professora e pesquisadora. Em seu blog o leitor pode encontrar discussões importantes sobre o pensamento fotográfico e suas fronteiras com outros campos.

O Icônica, por sua vez, é conduzido por alguns dos mais qualificados pesquisadores em fotografia do Brasil, dentre eles Ronald Entler e Maurício Lissovsky, além de Cláudia Linhares Sanz e Rubens Fernandes Júnior. O blog se dedica a produzir crítica, comentários e reflexões teóricas de altíssima complexidade, mas bastante acessíveis .

•

Estão abertas as incrições para a terceira edição do prestigiado Prêmio Diário Contemporâneo, até o dia 18/02. As regras para o concurso podem ser encontradas em http://www.diariocontemporaneo.com.br/?page_id=10

•

Os últimos meses foram marcados alguns importantes lançamentos por parte das grandes fabricantes de câmeras.

Em outubro a Canon lançou a EOS 1DX, com diversas melhorias em relação à linha EOS 1 prévia.

A Nikon acabou de anunciar sua D4, uma câmera robusta e quem vem logo abaixo da linha D3.

Tanto uma como outra fabricante alimentam especulações sobre novos lançamentos para esse ano: a esperada atualização da 5D Mark II, possivelmente uma Mark III, assim como a Nikon D800, uma câmera para concorrer na categoria da 5D Mark II em termos de preço e característica.

•

A Adobe disponibilizou uma versão Beta do Lightroom 4 para testes. A empresa espera que os usuários façam comentários sobre suas impressões e que dêem sugestões para a melhoria do programa, que é uma das mais populares ferramentas para tratamento de imagens.

É possível baixar a partir do site da empresa, gratuitamente. A versão beta funcionará de forma independente da atual versão que o usuário tenha instalada em seu computador.

A versão beta, no entanto, expira dia 31 de março. Informações: http://labs.adobe.com/technologies/lightroom4/

•

Vem aí o II Foto em Pauta Tiradentes. O festival de fotografia acontecerá entre os dias 14 a 18 de março de 2012 na chamosíssima cidade mineira.

Na programação estão previstas exibições, leitura de portfolios e debates.

O festival também contará com workshops. Dentre os instrutores há alguns nomes importantes, como Maurício Lima, forojornalista que fez um trabalho admirável na cobertura da Guerra Civil na Líbia, no fim do ano passado sendo por várias vezes, capa do New York Times.

Informações: www.fotoempauta.com.br/festival2012/

•

A partir do dia 18 de janeiro, a Galeria de Artes Visuais da Oi Futuro, juntamente com a Aliança Francesa, inaugura-se em Belo Horizonte a exposição "Brassaï , Paris La Nuit". Serviço: exposição Brassaï, Paris La Nuit. Galeria de Artes Visuais do Oi Futuro BH (Avenida Afonso Pena, 4.001 - Mangabeiras, tel. 31 3229-3131). De 18 de janeiro a 1º de abril. Terça a sábado, das 11h às 21h. Domingo, das 11h às 19h - Galeria 1. Entrada

Canon EOS 1DX e Nikon D4.

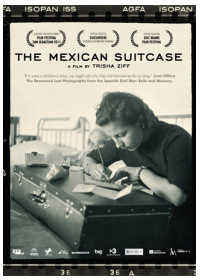
franca. Classificação etária: livre.

•

Dois filmes sobre fotografia tentaram entrar na lista de indicaçãoes a melhor documentário de 2012. O primeiro deles foi The mexican suitecase, que conta a história de uma maleta perdida com filmes de Robert Capa sobre a Guerra Civil espanhola e que foi encontrada no México, anos depois.

O segundo foi Bill Cunningham New York, sobre o lendário fotógrafo do NYTimes que há anos fotografa as tendências da moda nas ruas da cidade com sua velha Nikon FM2. É um tocante documentário sobre uma figura encantadatora e um fotógrafo apaixonado.

Nenhum deles entrou na lista final. Mas vale a pena assistí-los.



Cartaz de ***The mexican suitcase***

•

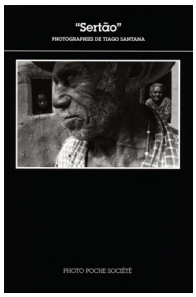
A revista ModoBulb faz chamada para o seu segundo número. O trabalho deve ter entre 12 e 25 imagens, e ser enviado por email, até o dia 11 de fevereiro.

O tema deste número é "O que fica". Para maiores informações acesse http://modobulb.com/2012/01/convocatoria-a-revista-2/

Cartaz de Bill Cunninghan New York

•

A Aperture Foundation, responsável pela Aperture Magazine, uma das mais importantes publicações da área, lançou no final de 2011 o primeiro número de uma publicação de resenhas de livros de fotografia, com periodicidade semestral. A edição on-line está disponível por U$ 1,99 [aproximadamente R$ 4,00]. Informações: http://aperture.org/pbr/



Sertão, de Tiago Santana (Photo Poche). O segundo fotógrafo brasileiro a entrar para a prestigiada coleção.

•

O fotógrafo Tiago Santana tornou-se o segundo brasileiro a figurar em uma das mais célebres coleções de fotografia do mundo, a Photo Poche. Criada em 1982 na França e dirigida por Robert Delpire, a Photo Poche tem hoje mais de 140 títulos, que incluem nomes como Henri Cartier-Bresson, Josheph Koudelka, Walker Evans, dentre outros. O outro brasileiro a fazer parte da coleção é Sebastião Salgado.

•

Mesmo com o pedido de concordata feito no início de 2012, a Kodak anunciou que manterá sua atual linha de filmes para cinema e fotografia. Segundo o diretor de marketing da empresa, a atual demanda por esse tipo de produto é estável e permite manter a lucratividade dessa divisão da empresa.

Segundo matéria do BJP (Brithish Journal of Pbotography), esse fato é confirmado pela Silverprint, uma das maiores revendoras de filme da Inglaterra, que constatam um acréscimento constante no volume de venda nos últimos 12 meses.

•

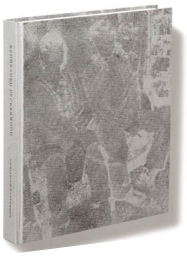
Até o dia 15 de abril o Museus de Arte Moderna da USP exibe a mostra Fotógrafos da Cena Contemporânea. A exposição conta com que vão de 1954 a 2003.

Estão expostas obras de artistas como Arthur Omar, Claudio Edinger, Vik Muniz e outros brasileiros e estrangeiros.

Local: Cidade Universitária, Rua da Praça do Relógio 160. Não recomendada para menores de 18 anos.

•

No final do ano passado inúmeras listas de melhor livro de fotografia foram produzidas por diferentes pessoas/blogs/instituições. No entanto, o site Eyecurious resolveu unificar 52 dessas listas, e verificar quais os livros apareciam com mais frequência. O campeão de citações foi o livro Redhead Peackwood, de Christian Patterson. O livro é descrito como um experimento entre a ficção e o documental, que narra a desventura de um casal de adolescentes responsáveis pelo assassinato de 10 pessoas. O livro utiliza-se de fotografia e texto para formar algo próximo de um dossiê criminal, onde fotografia forense e narrativas biográficas são mobilizadas para contar a estória. Depois de todo esse barulho, e com as edições limitadíssimas dos livros de fotografia independentes, não é de se estranhar que quem procurar, não vai achar o livro para comprar. Sua edição está esgotada segundo seu editor. Visite o site da editora: http://www.mackbooks.co.uk/books/15-Redheaded-Peckerwood.html.



Redheaded Peckerwood, de Christian Patterson (Mackbooks). Um dos livros mais citados nas listas de me-lhor livro de fotografia de 2011.

Para publicar notícias sobre eventos, exposições, festivais, lançamentos e outros aconte-cimentos, favor enviar informações completas para editorial@zineinca.com

rainbow gathering

benoit paillé

Em tempos de capitalismo em colapso e de individualismo patológico, uma comunidade se reúne anualmente para colocar em prática uma utopia coletivista e fraterna. O fotógrafo Benoit Paillé apresenta o universo do Rainbow Gathering através de uma impressionante série de retratos de seus participantes.

MINHA FAMÍLIA

EU DECIDI FOTOGRAFAR MINHA FAMÍLIA, meus irmãos e minhas irmãs. Tenho frequentado os encontros do Rainbow Gathering há sete anos. Comecei a fatografar os encontros nos últimos três anos. As fotografias que você está vendo são bastante valiosas já que tirar fotografias durante o evento é geralmente algo proibido. Portanto, por favor, sejam respeitosos com meus irmãs e minhas irmãs.

People are love,
are magic,
are beauty
these sister and brother are the people of the future. (B.P.)

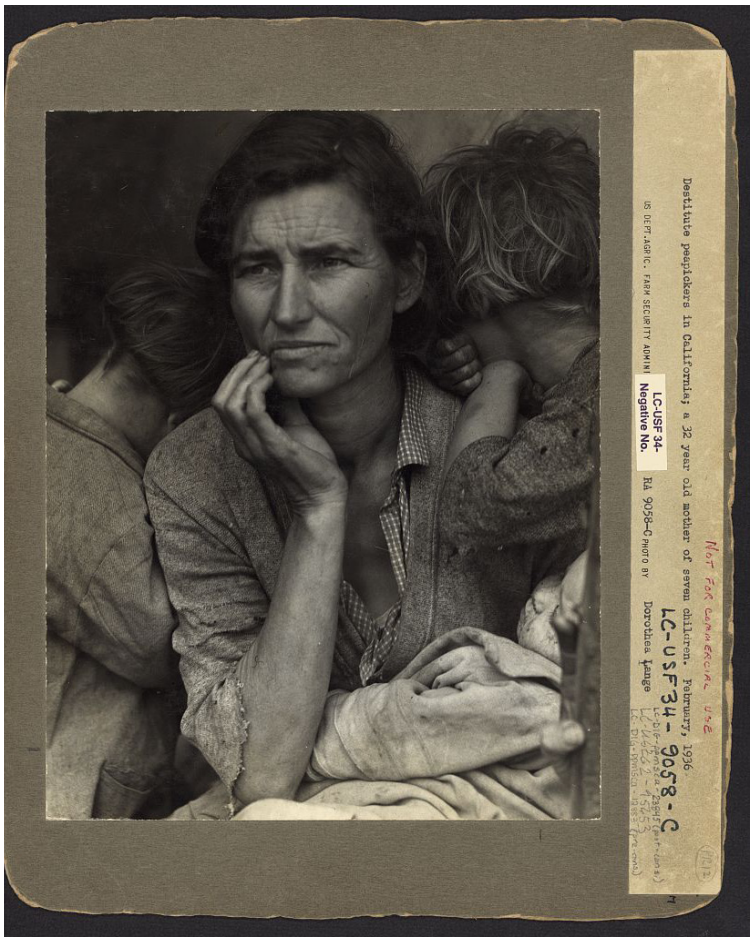
O QUE É O RAINBOW GATHERING?

Rainbow Gatherings são comunidades temporárias, que geralmente ocupam espaços ao ar livre, que partilham e praticam ideais de paz, amor, harmonia, liberdade e comunidade, como uma alternativa conscientemente expressa à cultura popular dominante, ao consumismo, ao capitalismo e a mídia de massas.

ARQUIVO

a memória na fotografia

THE MIGRANT MOTHER



Destitute peapecker in California; a 32 year old mother of seven children. February, 1936.

FOTOGRAFIA ICÔNICA DA GRANDE DEPRESSÃO NOS EUA, ***The Migrant Mother*** retrata Florence Leona Christie, com suas três filhas, Katherine McIntosh (esquerda), Ruby Sprague (direita), e Norma Rydlewski (no colo). Christie viajava em busca de trabalho na Califórnia quando foi fotografada por Dorothea Lange, em 1936, a serviço de uma agência governamental norte-americana. Apesar de ter prometido a Christie não publicar a foto, Lange a enviou para alguns jornais que acabaram publicando-a. No entanto, a fotografia só se tornou internacionalmente reconhecida nos anos 60. Em 2005, uma impressão da coleção privada de Lange foi leiloada por cerca de U$ 300 mil. A imagem, no entanto, está sob domínio público, A versão acima é a reprodução da primeira impressão da foto, com legendas da própria fotógrafa, armazenadas no National Archives, em Washington, sem os retoques feitos posteriormente. **(in.ca)**

Fotografia: divulgação

penetrar-no-mundo: melancolia

Bruno Garrote

Em um dos filmes mais inquietantes da temporada, Lars Von Triers coloca em cena o estatuto da melancolia e sua modalidade de confronto com o mundo.

"No desvio de algum rincão do universo inundado pelo fogo de inumeráveis sistemas solares, houve uma vez um planeta no qual os animais inteligentes inventaram o conhecimento. Este foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da história universal, mas foi apenas um minuto. Depois de alguns suspiros da natureza, o planeta congelou-se e os animais inteligentes tiveram de morrer". (Friedrich Nietizsche)

COM ESSA FÁBULA NIETZSCHE INICIA seu escrito "Sobre a verdade e a mentira". Poder-se-ia utilizá-la para se iniciar em rápidas linhas o filme *Melancholia*, de Lars von Trier, tal como ela está – o que nos levaria a outro campo de discussões – ou poderíamos substituir os termos "inteligentes" e "conhecimento" respectivamente por "ocupados" e "ritos, tradições, costumes, afazeres mundanos diversos" – os "animais ocupados" inventores de "ritos" tiveram, depois de um tempo, de morrer.

Justine (Kirsten Dunst) carrega em si a dor do homem louco Nietzscheano que carrega uma lanterna para ajudar a iluminar mesmo a claridade do dia mais brilhante, pois a perda de Deus é um sofrimento tamanho que talvez os homens ainda não estejam preparados para lidar com ele.

O estado de espírito de Justine é de alguém que não consegue se segurar a algo fixo, a algo maior, a algo mais certo, a algo, enfim, que valha o es-

força. É o desencantamento, o perceber a ilusão, é o caminhar para fora, olhar para trás e não enxergar mais a casa da qual acabara de sair, pois as estruturas delas já estão podres, queimadas, desabando no momento mesmo em que se saiu.

O olhar de Justine é olhar oscilante entre o tédio e a angústia, sendo olhares que se voltam para o nada de Heidegger e, portanto, para o ser. É a sensação de que se está rodeada de entes, os quais têm uma importância tão-somente secundária, estando ali no mundo – os afazeres, os rituais, a tradição e a instituição do casamento e do bem-se-portar-em-público, é o saber-sorrir-em-público e conseguir convencer de que o riso não é forçado.

Por que Justine não transa com seu marido? Ela não transa com ele, pois isso seria permitir que a instituição do casamento, das convenções, entrasse falicamente dentro dela – seria permitir essa superficialidade entrar em seu ser, o qual se encontra em um estado mais profundo, pois voltado diante e para si. Por quê, então, ela transa com um desconhecido? Justamente por isso: por ser um desconhecido. Ela não precisa do sexo; ela não precisava deste ato por ter tesão ou por possuir uma libido a ser saciada. O porquê dela é outro. O corpo dela ensinou-a que o prazer do gozo é o prazer da morte, do esquecer o peso da individualidade; assim, dá-se um passo sexual para se penetrar no fluxo do mundo – e isso tem de ser muito rápido, muito momentâneo, instintivo, pois se for minimamente pensado e raciocinado, transposto ao campo do consciente, talvez o seu eu já perceba esse peça tola que ela está tentando pregar em si mesma: o sair-esquecendo-de-si por meio do sexo físico – daí o porquê ela se virar e atirar rapidamente o jovem ao chão, atacando-o, tentando perder-se antes que ela mesma se ache e se olhe nesta cena igualmente ridícula ocorrendo no mundo-palco.

Por esse mesmo motivo, pelo gosto de morte, ela instiga o marido a lhe masturbar. Neste momento, o ato não seria um ritual, diferente da cena das núpcias que virá depois. Entregar seu corpo às núpcias seria entregá-lo ao mundo dos entes, ao comumente esperado e aguardado, às ocupações mundanas, às distrações, àquilo que lhe irrita por se opor ao seu estado atual em contato-com-seu-eu, a algo verdadeiro, a singularmente Justine olhando para esse teatro. O masturbar, naquele momento, é um pedido insólito e é uma tentativa de viver algo real, ali, criado agora, surgido fora do esperado, ela, em contato consigo mesma, tentando brotar um quadro diante deste tedioso casamento programado. Porém, isso não a satisfaz, não funciona. Nem isso nem a terra com os pomares de maça imperial com sua acidez perfeita oferecida pelo marido e representada na foto que ela virá a esquecer logo em seguida justamente por estar muito dentro de si para enxergar o de fora – esse "de fora" que não a satisfaz; esse de fora que a quer sugar para dentro do mundo com sua mundaneidade, mas ela não sente o mundo como uma casa para ela; não consegue mais habitá-lo, pois sua casa se queimou no momento em que saiu dela.

Justine busca algo; ela é o desesperado de Kierkegaard sabendo-se ser, diferente da irmã Claire (Charlotte Gainsbourg), que se desespera sem o saber. Enquanto a sua irmã busca no mundo a cura para essa doença que nem mesmo sabe ter, Justine lança sua visão para além-mundo, não possuindo nem encontrando algo maior no qual consiga se fixar – ela não é uma deusa para poder segurar-se em si mesma; bom, poderíamos pensar sobre a beleza divina-escultural nua mostrada por Justine em seu reencontro com a natureza, quando é tocada pela Lua e por Melancholia. Seria ela ali uma deusa? Agarrando-se em si, com toda a graciosidade e potencialidade que se poderia imaginar? Não. Aqui ela é Caeiro e parece achar a cura justamente naquilo que lhe parece mais real, mais não-metafísico, menos humanamente criado/inventado: a grandeza da natureza, o olhar sempiterno novo, sabendo que tudo passará em seus ciclos; a força da grama, da lua, do novo planeta místico, da noite, das árvores, do fluir do rio a seus pés.

Assim como Caeiro ensina a seu discípulo Álvaro

Campos olhar para a flor como se fosse pela primeira vez, Justine ensina a si mesma e a seu corpo esta lição estética-existencial. Justine é e vai se tornando a si mesma ao longo do filme, o que pode ser visto na última cena: uma junção entre a mulher e a natureza, a qual se renova pela destruição e não se lamenta por isso. Pode-se observar já essa noção na fala de Justine para Claire: "A terra é má. Não precisamos nos lamentar por ela. Ninguém sentirá falta dela. (...) Tudo o que eu sei é: a vida na terra é má." – todavia, nesse mesmo trecho pode-se observar o porquê Justine não pode ser ainda Caeiro – se é que virá a sê-lo.

A história arrasta consigo a melancolia assim como Justine arrasta-se imbricada nos fios escuros de lã – sendo que, ao fim, Justine consegue se curar, ao menos momentaneamente, da melancolia ao conseguir pensar e sentir como se fosse parte da natureza, olhando para o devir do todo e não se lamentando, pois está preparada para o morrer, pois não há diferença entre morte e vida nesse estado de espírito: tudo é transformação; tudo já vai muito tarde. Justine pode ser observada, quiçá, como um Caeiro triste que só entra, deveras, em um contato pacífico com a natureza ao final.

Ao contrário de Justine, Claire, a irmã mais velha, possui a melancolia e depressão em seus olhos, mas não o sabe. Ela tenta se ocupar de tarefas cotidianas, diárias, mas estas não as satisfazem, não preenchem. O desejo do misterioso, o receio diante de algo maior e o medo sem saber exatamente do que se tem medo existe nesta personagem porque ela não teve coragem, ao longo de sua vida, de encarar por muito tempo nem tão diretamente o nada do mundo. Claire recebe ao longo do filme falas de Justine que, ao fundo, remetem a esse conselho de Rilke: "Por isso é tão importante estar só e atento quando se está triste. O momento, aparentemente anódino e imóvel, em que o nosso futuro entra em nós, está muito mais próximo da vida do que aquele outro, sonoro e acidental, em que ele nos sobrevém como se chegasse de fora." Assim, a melancolia de Justine é interna e é mais próxima, mais real e palpável – pois sentida sozinha e com atenção – do que a de Claire, a qual só perceberá isso quando o planeta Melancholia, de forma "sonora e acidental", aproxima-se de "seu mundo".

É importante notar que Claire promove uma transição entre o caráter de Justine e do marido John (Kiefer Sutherland). Não que ela seja o meio termo ou ponte ou que essa seja a sua função no filme; tão-somente ressalto que ela permite um diálogo maior entre esses dois, pois o marido está completamente imergido no mundo (possuindo a sua melancolia no olhar), ligando-se à certeza da ciência,

Fotografia: divulgação

Fotografia: divulgação

enquanto Justine está fora do mundo (possuindo também a melancolia no olhar, bem como em todo seu corpo).

Os cientistas, tendo voz em John, dizem que o planeta Melancholia irá simplesmente passar por nós, sendo uma "visita" bonita e terrível, após a qual ele continuará sua rota – igualmente, os experts por vezes dizem que a depressão/melancolia é algo momentâneo a ser curada ou tratada, algo que simplesmente "passará por nós", algo a ser combatido e superado. Porém, será que é possível se curar de algo que já vem desde as vísceras do ser, do devir humano, de algo estrutural? Esse nada existencial? Aliás, ele realmente existe e o homem é um ser-para-morte carregando o nada junto com o seu ser? Vejam que essas perguntas não são necessariamente pessimistas, mas, sim, são perguntas sobre o ser-mesmo-do-homem no mundo, a maneira como nós "into this world we're thrown/ Like a dog without a bone/ An actor out on loan" . Esta última linha, da poesia sonora de Jim, é significativa, pois o que é viver, senão algo "sob empréstimo" ou "de empréstimo" ou "sob condições de empréstimo"?

O homem parece não possuir uma casa nesse mundo, não nos é dado uma morada quando somos jogados no mundo; já nos falta algo desde o começo; nascer é já ser carente de algo, "como um cachorro sem um osso", o homem está-aí, "out", vivendo sem morada, sem algo seu, sem habitar o mundo, senão por empréstimo, sem achar o seu lugar, como um estranho. "Into this house we're born", mas é uma casa-mundo que não nos traz propriamente uma morada, pois logo em seguida vem o verso: "Into this world we're thrown." Essa noção seria, portanto, pessimista ou tão somente "estrutural"? Não poderíamos nós agir de diversas formas no mundo e conferirmos um imenso sentido a isso que não valor, que é a vida, como diz Cabrera?

A figura da mãe de Justine parece nos ajudar a recolocar essas questões. Gaby (Charlotte Rampling), arroga-se uma sabedoria superior a todos, como se ela fosse a única a perceber as ilusões do mundo, como se somente ela percebesse essa estrutura nefasta e sombrio da natureza humana: esse saber-se no mundo, no nada, caminhando-se para a morte. Ela deveras pode perceber essas "pequenas tradições e ritos bobos" de forma mais profunda e estrutural do que outras pessoas, porém, isso não implica que, por ela perceber isso, tais atos deixam de fazer sentido e perdem a importância de serem realizados.

O rebelde que se revolta contra tudo por pensar que está em uma posição psicológica privilegiada

WWW.
COISA
COM COISA
.ORG
literatura
design
fotografia

costuma sentir vivamente a idéia de que "conhecer o mundo, compreender seus mecanismos de funcionamento e estruturas, desencanta o mundo", assim como a descrição do mundo propiciada pelas teorias sociológicas e científicas em rápido desenvolvimento no século XIX possa ter contribuído e acelerado um movimento de "desencantamento com o mundo", vez que as coisas estavam aí para serem compreendidas e explicadas pela ciência – o que acaba por gerar um mal-estar do método, ocasionado pelo esquecimento do mundo circundante da vida .

O desafio me parece ser justamente este: como superar essa idéia? Como conhecer, desconstruir, construir novamente e não perder não somente o encanto com a vida, mas a vontade de encantá-la e inventá-la? É preciso imaginar um Sísifo feliz? Bom, talvez, mas talvez "já só um deus nos pode ainda nos salvar", como diria Heidegger em uma entrevista publicada postumamente, pois é bem possível que ainda não estivéssemos preparados para a perda de Deus, não estávamos prontos para sermos jogados a nós mesmos, no mundo dos entes e da técnica desencantada justamente por não termos aprendido a olhar para o ser, ou seja, ainda não aprendemos a ser homens enquanto humanos-para-si – com toda a nossa contradição complexa ininteligível insuperável.

Assim, *Melancholia* não trata de uma doença de nosso tempo. Trata quiçá de uma "doença humana", com a qual estamos entrando mais em contato agora pela sua super-exposição, ritmo de "vida" cada vez mais acelerado e tentativas de curá-la com remédios. Isso não nega, é claro, o fato de que realmente possa ter ocorrido um aumentado no número de casos de depressão de forma proporcional; todavia, isso não significa que a melancolia "passou a existir agora"; mas, sim, que, nestes tempos, o homem pode ter entrado mais em contato consigo mesmo, mais em contato com o nada do mundo e, por não saber lidar com isso, pois não somos preparados a estarmos sós conosco, emergiram vários casos depressivos, dentre outros incômodos psicológicos. Todavia, como será dito à frente em uma tentativa de superar as questões postas acima, o olhar para o nada e a melancolia não é uma doença em si, mas uma doença daquele que já não possui saúde nem forças para se construir. Ela é efeito e não causa. Por óbvio que há diferentes tipos de melancolia e depressão e o mais importante, antes de tudo, talvez seja justamente diferenciar ambos esses termos – pois, enquanto melancolia parece advir de uma condição mais existencial, depressão parece suscitar uma impossibilidade de se sair desse estado.

"Alternativas e soluções" podem tentar desviar a atenção do ser e do nada, sendo uma "saída que não saí", estimulando o esquecimento com uma roupagem de mudança – aliás, essas "saídas", segundo Heidegger, promovem um aprofundamento constante do esquecimento do ser. Podemos pensar, então, que é necessário um resgate do ser, um pensar e sentir ontológico. Bom, esse seria um projeto possível. Porém, há outros projetos que já não compreendem esse nada-no-mundo-e-no-ser de forma tão indissociada, sentindo que olhar dessa forma para o mundo já seria estar doente dos olhos, não sendo meramente uma percepção sobre a estrutura ontológica do ser-mesmo, ou seja, projetos que questionam essa própria percepção supostamente primordial sob o que é ser/estar-no-mundo. Um desses projetos procura compreender a vida em seu pulsar vitalista, sendo que viver intensamente é viver artisticamente, imprimindo valorações em uma tentativa de construção inevitavelmente cultural. Há concepções afins a essa, por exemplo, a do Frederico Lobo e a minha, Garroteana, que enxergam o nada como um nada prenhe-de-tudo, o que, por sua vez, resulta em uma modificação desse "nada", re-colocando-o em uma perspectiva trágica, valorativa e lúdica.

Voltemos um pouco para, em seguida, avançarmos. Justine, apesar de aparentar ser a mais fraca, mais incapaz, mais sofredora, mais "sombra da Tia Quebra-Aço" (epíteto irônico proferido de uma boca infantil não conscientemente irônica) e, quiçá, uma

personagem mais desoladora e medíocre, carrega em si uma potencialidade que não há nas outras personagens. Ela, apesar de não conseguir nem mesmo entrar ou sair da cama, do táxi, da banheira e possuir dificuldades na ingestão do seu prato preferido, está mais próxima da força e do renascimento do que sua irmã Claire, seu cunhado John e seu esposo Michael (Alexander Skarsgård) – os quais não compreendem o "porquê" dela ser/estar assim.

Ela encarou o nada de perto, enxergou o mundo em sua crueza. Está no fundo, no mais baixo dos lugares da alma humana. Só há duas opções mais nítidas: ou subir ou se remoer lá embaixo. Da maior dor pode surgir a maior alegria, pois a árvore mais alta e bela somente é possível por meio das raízes mais profundas, já o incitava Nietzsche. As outras personagens são zumbis. Elas não estão mortas, porém também não estão vivas, não pulsam; ela, sim, pulsa... ela já foi a Tia Braço-de-aço outrora, ela é a pulsão em movimento, não por ser enérgica nem vitalista, mas por estar em contato com suas pulsões, conquanto as enxergue como se fossem uma pedra ou um rio passando – ela pode, sim, em um grande salto, ultrapassar a todos, pois a dor dá força e impulso quando bem despendida. Mas ela não consegue... ainda oscila em sua convalescência... talvez em um futuro... talvez se a Terra tivesse mais tempo... talvez se tivéssemos mais tempo terreno – mas não seria o tempo sempre curto? e não seria isso uma boa desculpa? –... talvez... talvez ela poderia se modificar. Não digo nem acho que seja o mais ou menos provável... isso é impossível... mas a cena da nudez, em toda a sua construção e força apolínea; a afirmação de um corpo integrado com a natureza... ali ela re-ganhou um pouco de força... isso é certo... o que fará com isso, todavia, não o é .

Justine constrói uma caverna mágica, mostrando um já incipiente espírito criativo, brincalhão e inventivo; capaz de compreender, mesmo que sensivelmente, a única arma possível para se superar – e não curar! – a melancolia da vida. Ela... ali... é artista... e incorpora o amor fati nem que seja nos últimos momentos... talvez não em toda a sua potência, nem beleza, mas é um iniciar gigante de algo imenso já existente nela... sabermos como e se isso realmente se desenvolveria – se houvesse mais tempo – é algo, como dito, impossível de se saber...

Em uma das resenhas feitas para o filme Melancholia, utilizaram uma fala de Sileno sobre o homem, evocada por Nietzsche, no Nascimento da Tragédia: "Estirpe miserável e efêmera, filhos do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer." Porém, é importante ressaltar que a retomada deste pensamento por Nietzsche é feita no intuito de tentar reconstruir o pessimismo do espírito grego e a necessidade de superá-lo por meio da tragédia, da arte. Isso não implica o caráter pessimista do próprio pensamento Nietzscheano, como quis sugerir tal resenha, o qual, além de tudo, ainda estava por demais influenciado por Schopenhauer quando da escrita deste seu primeiro livro . A arte não serve para resignar nem "salvar" o homem desta "condição existencial ruim em si", que seria o viver, mas, sim, para permitir a sua expansão e realização do indivíduo em consonância com sua vontade de poder, de ser-devindo artisticamente – idéias presentes em seus escritos mais maduros.

Desta forma, não se cura de melancolia, pois procurar uma cura para a melancolia é, por si só, melancólico. Transforma-se uma visão melancólica perante o mundo para uma visão poética, encarando o próprio viver como uma poesia inevitável. Assim, ao invés da inevitabilidade do ser-para-morte, poderíamos pensar que há uma inescapável necessidade de sermos poetas no mundo, de criarmos algo. A sensação do nada, da angústia, do tédio, do caminhar para a morte ocorre em todos? Sim, em algum momento ou outro na vida, mesmo que não se compreenda bem o que é isso, sente-se esse peso, essa carga insustentável. Todavia, não se fica nesse estado. Isso passa. Costumamos dizer após

esses momentos, como nota Heidegger: “não foi nada” .

O que há, portanto, é uma plasticidade incontornável; estruturalmente se pode perceber o homem com uma vontade que se expande, uma pulsão-que-vai, provocando descompassos existenciais do que se-é com o que se-vai-ser; e do que se-é com o que se-é mesmo, pois o próprio ser é um sendo.

Há, como constatado, não fugas-do-mundo, mas, sim, fugas-para-o-mundo, para dentro mesmo das distrações, ritos, empregos e casamentos. Todavia – e isso é o mais importante – é possível entrar no mundo sem estar fugindo para dentro dele? Sim. Como? Penetrando-o.

A “saída” que proponho para a melancolia é uma “entrada”, é um penetrar-no-mundo. Uma agitação-performática, uma valoração-orgiástica, um amor-penetrante, um olhar-espelhante, um fazer-ser-transtornante, uma incomodação-relaxante, uma, enfim, aliteração-nauseante resumindo-se em tão-somente um significante: sereno-perturbacionismo. Agora, para se compreender o que esse termo suscitador significa é necessário ler o “Manifesto Sereno-perturbacionista” escrito há alguns anos. No mais, aqui, já estou ultrapassando – e muito – a resenha deste filme belo, sensível e perturbador.

Referências:

CABRERA, Julio. O imenso sentido do que não tem nenhum valor. In: Revista Philósophos. vol. 11, nº 02. ago./dez p. 331-365. Goiânia: UFG-FaFil, 2006.

GARROTE, Bruno. Manifesto Sereno-Perturbacionista. In: Revista dos Estudantes de Direito da UnB. Brasília: 2011 (no prelo).

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradl: Márcia Sá C. Schuback. 4ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HUSSERL, Edmund. A crise da Humanidade Européia e a Filosofia. Trad.: Pedro M. S. Alves. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo. Trad.: J. Guinsburg. 2ªed. 8ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. Verdade e mentira no sentido extramoral. In: Revista Lugar Comum. v.6. nº 17. jul./dez. p. 05-23. Rio de Janeiro: 2001.

RILKE, Rainer Maria. Cartas a um jovem poeta. Trad.: Paulo Rónai e Cecília Meireles. São Paulo: Globo, 2001.

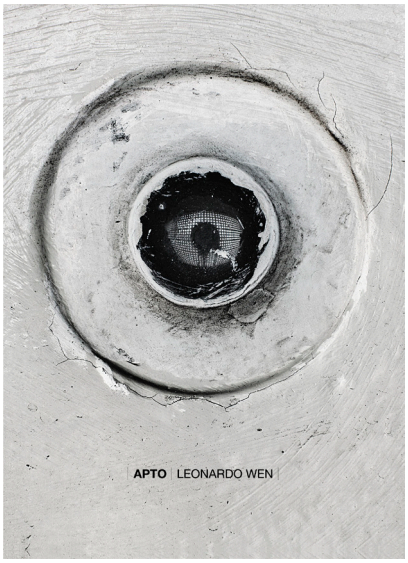
THE DOORS. Riders on the Storm. In: L.A. Woman (album). 1971. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=5qRJIBtbc2c>.

Fotografia: divulgação

GARAPA.ORG/DESLOCAMENTOS

SQS 108: O CÓDIGO DA MODERNIDADE

O fotógrafo Leonardo Wen disseca os modos de ocupação do espaço na superquadra modelo concebida por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, 50 anos depois de sua inauguração.



Apto - A moradia moderna de Brasília

O LIVRO ***APTO - A MORADIA MODERNA DE BRASÍLIA***, produzido pelo fotógrafo Leonardo Wen e publicado pela editora Tempo d'Imagem, é um projeto de documentação autoral sobre os primeiros edifícios residenciais que foram construídos na nova capital, mais especificamente os 11 blocos que compõem a SQS 108. Esta foi a primeira superquadra a ser inaugurada, em 02 de fevereiro de 1960, poucos meses antes da própria inauguração da cidade.

A intenção inicial era fotografar os interiores dos apartamentos menos reformados ao longo dos 50 anos de história de Brasília. Porém, o que se verificou foi que, em media, em cada um desses blocos não há mais do que quatro ou cinco imóveis que ainda preservem

fotografias: leonardo wen

suas características arquitetônicas originais, geralmente habitados pelos pioneiros que chegaram à cidade. Durante os meses de julho a setembro de 2010, foram visitados 28 apartamentos, acessíveis graças à gentileza de seus moradores.

A intenção deste trabalho é registrar o modelo atual de ocupação destes espaços, construídos segundo os parâmetros da arquitetura residencial modernista que foram implementados em Brasília. Busca-se aqui o que há de significante, tanto no sentido visual como histórico, na disposição dos objetos no interior das residências, evitando colocar pessoas em primeiro plano, privilegiando assim a documentação do espaço e o seu uso.

Não se pretende, entretanto, compor uma discurso assertivo sobre a questão residencial de Brasília. O que se vê aqui é uma narrativa fotográfica de cunho documental, mas que lança mão de uma abordagem subjetiva e, portanto, assumidamente pessoal.

Este projeto é patrocinado pela FUNARTE, por meio do XI Prêmio Marc Ferrez de Fotografia. O livro será distribuído gratuitamente, de maneira a ser definida.

Este é o segundo livro fotográfico que o autor publica sobre a cidade. Em 2009, foi lançado Meta-Brasília (Edição do Autor), patrocinado pelo Fundo de Apoio à Cultura do Governo do Distrito Federal.

Leonardo Wen *trabalhou na Folha de São Paulo por 5 anos, formou-se em fotografia pelo Centro Universitário Senac, em São Paulo. Cursou um mestrado em fotografia documental pela London College of Communication, em Londres, e na Agencia EFE de notícias, em Madri. Atualmente colabora com diversos meios de comunicação no Brasil e no exterior. Contatos: www.leonardowen.com | leo@leonardowen.com | +55 (21) 6921-3555*

Vídeo nas Aldeias: 25 anos depois

Depoimentos, fotos e filmes traçam retrato do projeto que aproximou o vídeo de mais de 100 aldeias indígenas brasileiras

fotografia: ernesto de carvalho

UM LIVRO-VÍDEO BILÍNGUE, com depoimentos, ensaios críticos e fotográficos e mais de seis horas de filme, celebra os 25 anos do projeto Vídeo nas Aldeias, que apóia e fomenta a produção de vídeo entre aldeias indígenas no Brasil desde a década de 1980.

Criado pelo fotógrafo, cineasta e indigenista Vincent Carelli, diretor de ***Corumbiara*** (melhor filme no Festival de Gramado em 2009), o Vídeo nas Aldeias pôs as primeiras câmeras VHS a serviço de uma ideia inovadora: apresentar às aldeias um instrumento acessível de expressão e preservação de memória, apoiando-as na criação de um jeito próprio de lidar com o meio.

Uma câmera na mão e uma cabeça aberta

"O que interessava no vídeo era a possibilidade de mostrar imediatamente o que se filmava e permitir a apropriação da imagem pelos índios", conta Carelli, que vinha de 17 anos de trabalho com índios brasileiros ao criar o projeto. "Não era chegar 'com uma câmera na mão e uma ideia na cabeça", mas uma câmera na mão e uma cabeça aberta para o feedback da aldeia."

Nas décadas seguintes, equipes do Vídeo nas Aldeias realizariam oficinas em mais de uma centena de aldeias brasileiras, voltadas à produção de filmes e à formação de realizadores. Reconhecido em países onde iniciativas envolvendo povos indígenas e meios audiovisuais eram mais comuns, o trabalho amealhou apoio das fundações Guggenheim, McArthur e Rockefeller, além de instituições na Holanda e na Noruega.

A extensiva produção resultante de 25 anos de oficinas – num total de 7 mil horas de vídeo – começou a

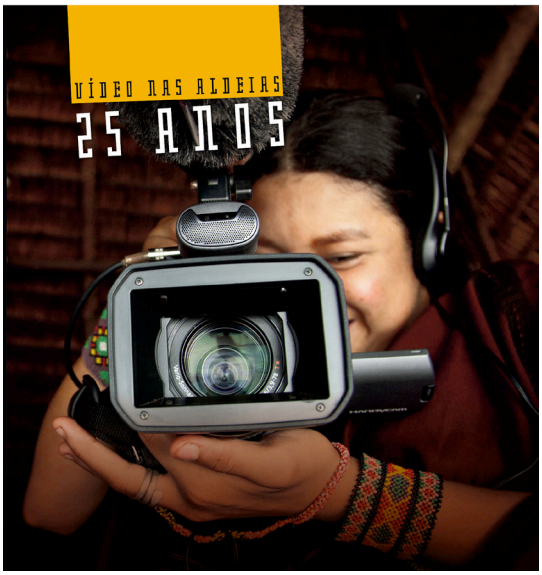
atingir um circuito maior em 2009, com o lançamento da série de DVDs Cineastas Indígenas. No ano seguinte, três mil escolas brasileiras receberiam uma coletânea de 20 filmes da coleção.

Vídeo nas Aldeias _ 25 anos

Idealizado como um conjunto de textos, imagens e filmes que se complementam numa leitura rica e fascinante, Vídeo nas Aldeias – 25 anos reflete sobre cinco dos encontros mais significativos promovidos pelo projeto, com os índios Ashaninka (AC), Kuikuro, Xavante (MT), Huni Kui (AC) e Mbya-Guarani (RS).

Em cada segmento, índios e equipes do projeto discutem o trabalho conjunto, recompõem o processo de gestação dos filmes e comentam repercussões e desdobramentos. Mais do que detalhes factuais, os depoimentos revelam o impacto da chegada do vídeo às aldeias: a apropriação do meio incita à retomada de rituais esquecidos, evidencia disputas políticas entre facções diversas, expõe conflitos geracionais; mais do que tudo, possibilita projetar para o mundo uma imagem mais fiel dos realizadores.

"Quando apresentamos um trabalho, as crianças perguntam muito se esses índios existem mesmo. Os livros didáticos nos mostram como a gente era antigamente, ou seja, nesses livros nós não existimos mais. O vídeo vem acabar com essa distorção. Nós existimos, estamos aqui, nossa terra existe e nós nunca vamos ser brancos", diz o cineasta Xavante Caimi Waiassé.



Vídeo nas Aldeias: 25 anos depois

Vídeo: ferramenta e linguagem

A preciosa coleção de filmes que integra o livro, acomodada em dois DVDs, atesta a diversidade de usos imaginados para o vídeo nas oficinas com as aldeias. Algumas encenam mitos; outras usam a ferramenta para promover encontros interculturais. Alguns filmes tratam de territórios e culturas ameaçados; outros servem de mote para a retomada de traços culturais perdidos.

A preocupação do projeto em introduzir os realizadores indígenas às possibilidades expressivas do vídeo também transparece nos filmes, que, não por acaso, foram premiados em festivais que não se limitam ao cinema etnográfico.

"Os monitores de Vídeo nas Aldeias não assumem uma posição ingênua, conforme a qual bastaria colocar uma câmera nas mãos de alguém para que consiga retratar a sua vida; é necessário aprender a usar o equipamento e conhecer a linguagem", afirma o crítico Jean-Claude Bernadet em Vídeo nas aldeias, o documentário e a alteridade, um dos artigos nos quais antropólogos e cineastas analisam filmes do projeto.

Para o ensaísta Henri Arraes Geraveau, os filmes configuram quase um gênero à parte. "Ao assistir, em 1990, ao Espirito da TV, tive a imediata sensação de que Vincent tinha iniciado frutífera travessia documentária, abrindo caminho para uma antropologia da comunicação audiovisual, ao centrar a narrativa do vídeo no encadeamento das reflexões, fabulações e declarações verbais dos índios Waiãpi frente à exibição, num aparelho de televisão instalado na aldeia pela equipe, de sua própria imagem e sobretudo de imagens registradas por terceiros, não índios, sobre outros grupos indígenas."

colaboradores

Bárbara Porto é publicitária e fotógrafa e vive atualmente em Natal. Introduzida à fotografia no período da faculdade, passou longas horas em laboratórios. Nos últimos anos retomou de forma diletante a fotografia.

Benoit Paillé é fotógrafo. Vive em Montreal e viaja ministrando cursos e workshops, e expondo seus trabalhos.

Bruno Garrote cursou direito e é mestrando em Filosofia (e Teoria do Direito) pela USP. Escreve e pesquisa temas ligados a Estética, Moral, Existência e Linguagem.

Ernesto Carvalho é Antropólogo, Documentarista e Fotógrafo. Membro do Vídeo nas Aldeias - ONG que realiza oficinas de vídeo em aldeias indígenas. Atualmente é doutorando em Antropologia Visual pela New York University.

Hengki Koentjoro formou-se em fotografia fine art na Califórnia, e vive hoje em Jakarta. Seu trabalho se fundamenta na expressão sensível da natureza, sempre em preto e branco.

Jon Goering é fotojornalista. Viveu muitos anos na África, onde começou a fotografar. Hoje vive no Alabama e trabalha para jornais locais.

Lena Tosta é antropóloga, professora e documentarista. Pesquisou durante muitos anos na Índia, e foi agraciada com o Prêmio Pierre Verger de 2002 com o ensaio "***Holy Ashes: images of transcendence"*** junto com Olivier Boëls.

Liana Lessa mestranda em comunicação, trabalha também com direção de arte; video e fotografia.

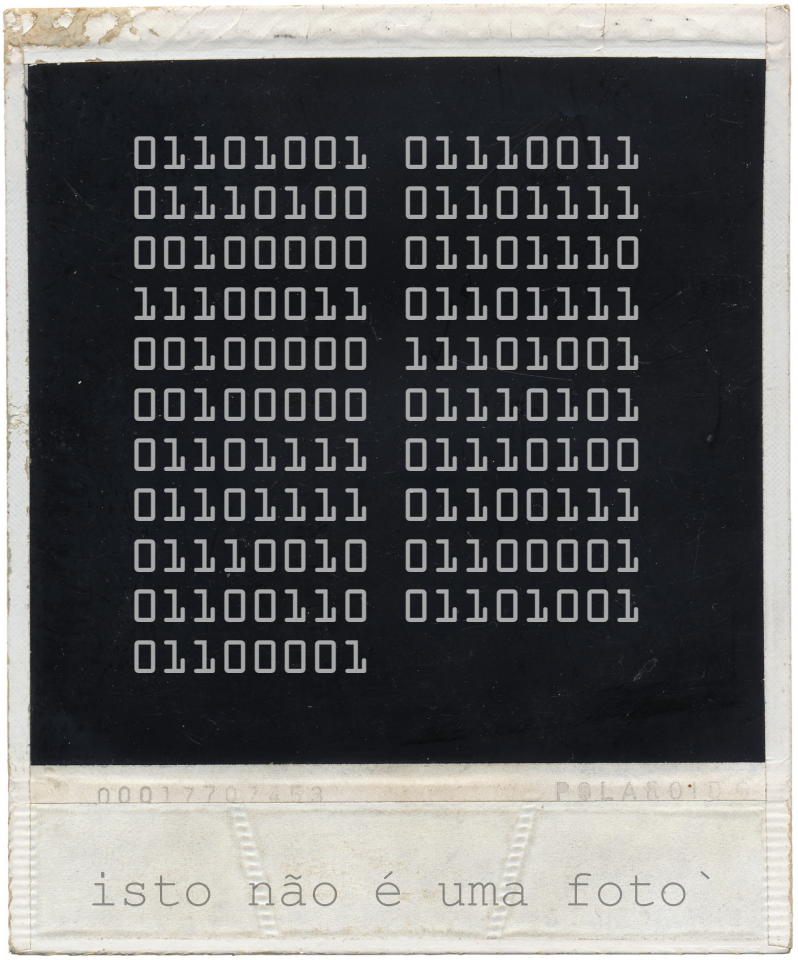
Marcos Sêmola fotógrafo da Getty Imagens, membro da London Independent Photography e da ABAF – Associação Brasileiro de Arte Fotográfica. Seu trabalho focado em preto e branco e fotografias de rua pode ser visto em galerias, revistas e anúncios nos Estados Unidos, Israel, França, Russia, Holanda, Reino Unido, China e Brasil.

Olivier Boëls é fotografo e documentarista. Ganhador do World Press Photo na categoria ambiente e natureza, em 2000 e do Prêmio Pierre Verger com o ensaio "Holy Ashes: images of transcendence" junto com Lena Tosta. Em 2011 foi finalista do Smithsonian Phot Contest de 2011.

Paulo Renato Souza Cunha é fotógrafo, músico e blogueiro. Já trabalhou no jornal Correio Braziliense produz vídeos, é editor do blog Bolso de Einstein e finaliza as últimas páginas do seu segundo livro Cartas para o espaço – e outros contos surreais.

agradecimentos

Os editores do Zine IN.CA [Intervenções Críticas] agradecem a cada um dos colaboradores por terem aceitado participar do projeto. Agradecemos também ao pessoal da Varanda, do Garapa, da Galeria Ponto, do coisacomcoisa, além de Leonardo Wen, Gui Mohallem e a Pedro Alfacinha, da Mackbooks pela confiança de que daríamos bom destino ao material a nós enviado. Devemos também uma menção a Ernesto de Carvalho, Diego Bresani, Elie Gardner, Oscar Durand e Agata Pietron pelas sugestões feitas durante o processo de edição.



PONTO.
GALERIA

FINE ART PRINT - WWW.GALERIAPONTO.COM.BR

ZINE
IN.CA
[INTERVENÇÕES CRÍTICAS]

zineinca.com

editorial@zineinca.com